UNILASALLE
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

LEDA SALLETE FERRI NASCIMENTO

GINÁSTICA ARTÍSTICA:
equilíbrio corporal no desenvolvimento das habilidades motoras na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental

CANOAS, 2010

LEDA SALLETE FERRI NASCIMENTO

GINÁSTICA ARTÍSTICA:
equilíbrio corporal no desenvolvimento das habilidades motoras na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental

Dissertação de mestrado apresentada à banca examinadora do Curso de Mestrado em Educação do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.ª Sandra Vidal Nogueira

CANOAS, 2010

LEDA SALLETE FERRI NASCIMENTO

GINÁSTICA ARTÍSTICA:
equilíbrio corporal no desenvolvimento das habilidades motoras na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental

Dissertação de mestrado aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação pelo Centro Universitário La Salle – Unilasalle.

Aprovada pela banca examinadora em _____ de _____ de 2010.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof.ª Dr. Sandra Vidal Nogueira - UNILASALLE

_____

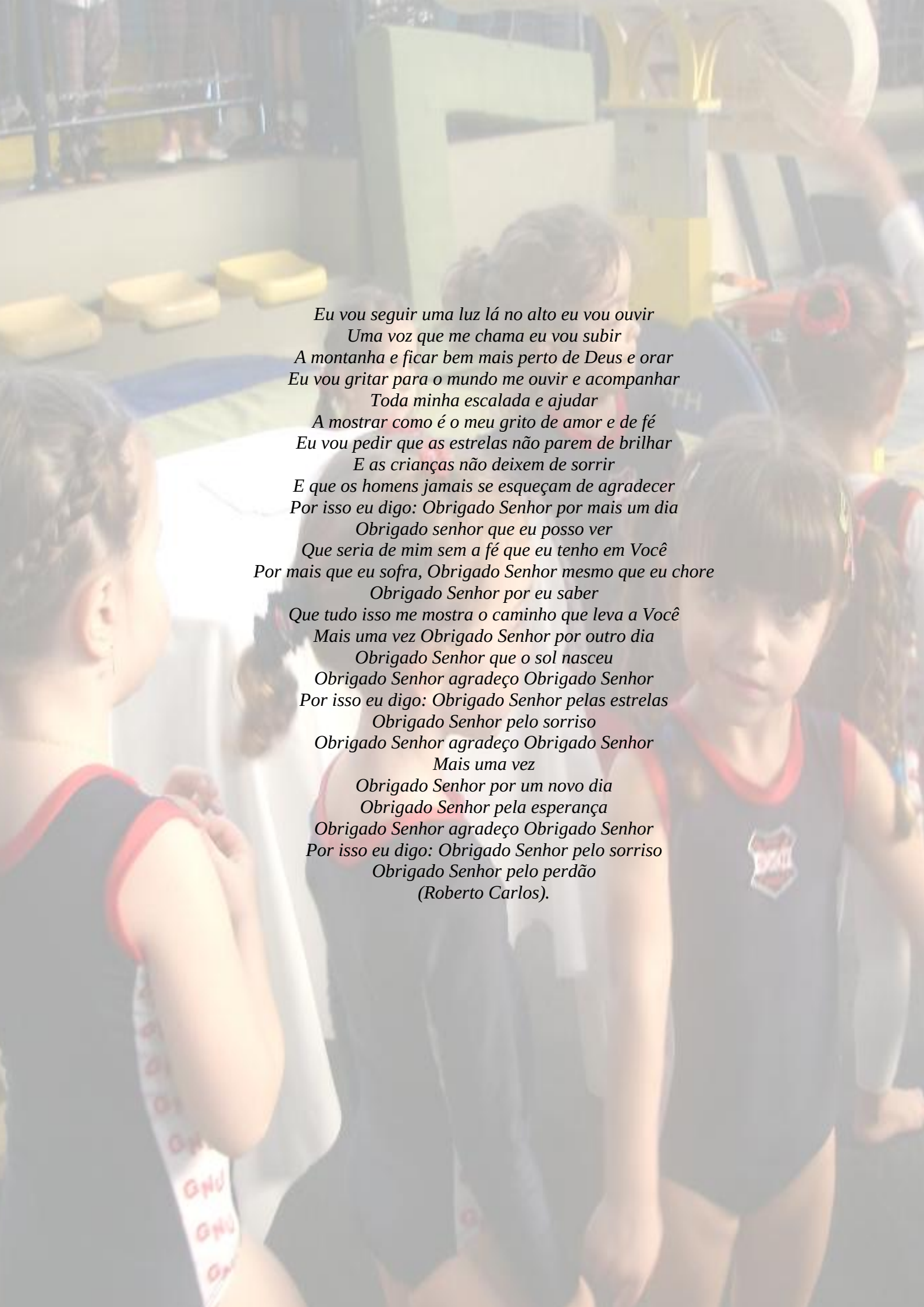
Prof. Dr. Augusto Nibaldo Triviños - UFRGS

_____

Prof. Dr. Balduino Antonio Andreola - UNILASALLE

_____

Prof.ª Dr. Dirléia Fanfa Sarmento - UNILASALLE



Eu vou seguir uma luz lá no alto eu vou ouvir
Uma voz que me chama eu vou subir
A montanha e ficar bem mais perto de Deus e orar
Eu vou gritar para o mundo me ouvir e acompanhar
Toda minha escalada e ajudar
A mostrar como é o meu grito de amor e de fé
Eu vou pedir que as estrelas não parem de brilhar
E as crianças não deixem de sorrir
E que os homens jamais se esqueçam de agradecer
Por isso eu digo: Obrigado Senhor por mais um dia
Obrigado senhor que eu posso ver
Que seria de mim sem a fé que eu tenho em Você
Por mais que eu sofra, Obrigado Senhor mesmo que eu chore
Obrigado Senhor por eu saber
Que tudo isso me mostra o caminho que leva a Você
Mais uma vez Obrigado Senhor por outro dia
Obrigado Senhor que o sol nasceu
Obrigado Senhor agradeço Obrigado Senhor
Por isso eu digo: Obrigado Senhor pelas estrelas
Obrigado Senhor pelo sorriso
Obrigado Senhor agradeço Obrigado Senhor
Mais uma vez
Obrigado Senhor por um novo dia
Obrigado Senhor pela esperança
Obrigado Senhor agradeço Obrigado Senhor
Por isso eu digo: Obrigado Senhor pelo sorriso
Obrigado Senhor pelo perdão
(Roberto Carlos).

Dedico esta dissertação a meu esposo Odon, pelo seu apoio e paciência, e pelo seu amor Infinito; aos meus filhos amados, Michele e Rafael, vocês são a luz de minhas inspirações,

Aos meus Pais, waldir e Lea, obrigada pelos cuidados e amor ao longo desses anos.

AGRADECIMENTOS

A Deus!

Deus, obrigada por essa oportunidade, pois cursar um mestrado, não foi uma tarefa fácil. Em muitos momentos achei que não conseguiria, pois não foram poucos os obstáculos que tive que enfrentar. Apesar de muitas vezes me sentir na escuridão, você, através de suas bênçãos, direcionava meu olhar para um jardim repleto de flores, para que eu acreditasse que mesmo com os espinhos que a vida nos coloca, nascem lindos botões a espera de uma nova vida. E você estava sempre ali, iluminando meus caminhos, trazendo serenidade e confiança. Obrigada senhor, você foi meu ponto de luz para a realização desse trabalho. Obrigada!

Ao meu Marido e filhos:

Ao meu marido Odon: Amor! Deus nos enviou uma missão que são para poucos, no qual somente pessoas fortes e corajosas conseguem suportar, sei que fui dura muitas vezes; foi preciso, agora tenho certeza que estamos na caminhada certa e que Deus está olhando por nós. E aos meus filhos Michele e Rafael, sei que estive ausente e silenciosa durante muito tempo, foi muito difícil para todos nós, mas sem vocês isso não seria possível, obrigada pelo apoio, compreensão, vocês são motivos de orgulho. Agradeço a Deus por ter me dado essa família, nossa luta será infinita. Amo vocês.

Agradeço a minha fiel rayka, pelas trocas de afeto e pela parceria em todos os momentos;

Aos meus familiares:

Aos meus Pais Waldir e Léa, obrigada por me trazerem ao mundo, sei que dei muito trabalho pela minha doença, foram noites e noites mal dormidas, mas vocês com carinho e amor me fizeram acreditar que eu poderia assim mesmo realizar meus sonhos, e eu consegui. Obrigada!

Agradeço aos meus irmãos, e em especial minha irmã Cecília, que me trouxe conforto em determinados momentos.

À minha Estimada Orientadora e convidados da Banca:

Agradeço a minha orientadora Dr. Sandra Vidal Nogueira, onde fui feliz e abençoada na hora da escolha da orientação; é tão grande minha emoção que me faltam as palavras. Sandra! Obrigada pela compreensão nos momentos mais árduos

que passei ao longo desse trabalho; sua paciência e dedicação me deram forças para continuar, seus ensinamentos me fizeram crescer a cada capítulo desse trabalho; seus conhecimentos vão além das raízes teóricas, o seu “ser” é especial. Obrigada por acreditar desde o inicio. Obrigada Senhor por colocar pessoas tão iluminadas no meu caminho. Que Deus te abençoe.

Agradeço ao meu co-orientador Dr. Augusto Nibauldo Triviños, desde o tempo em que pulei os muros da pista de treinamento, para não chegar atrasada em suas aulas. Naquele tempo eu me sentia um pássaro fora do ninho, com muitas dificuldades para entender suas aulas, mas seu olhar ultrapassou meus pensamentos, percebendo esses medos e inseguranças, estendendo a mão sempre que precisei. Esse gesto jamais será esquecido por mim, seus ensinamentos e sua confiança em mim depositada, acordaram a beleza de meus sonhos adormecidos. Quiçá todos os educadores agissem dessa forma. Você é um educador por excelência. Obrigada!

Agradeço ao Dr. Balduino Antonio Andreola, que através de sua fala, podemos mergulhar na poesia, suas doces palavras perpassam quaisquer incertezas, tê-lo em minha banca foi uma grande honra. A essência da educação está em pessoas que possuem esse olhar que vão além dos conhecimentos. Obrigada!

Agradeço a Dr. Dirléia Fanfa Sarmento, quando nas aulas com o Prof. Triviños, ficava encantada com sua forma de expressar os conteúdos, sempre com muita convicção provinda de intensas literaturas. Sua disciplina, como da seriedade de seus estudos, lhe proporcionaram o espaço merecido no Curso de Mestrado como professora e orientadora. Parabéns e obrigada por compor minha banca.

Ao Centro Universitário Unilasalle e colegas de curso e da Graduação:

Agradeço a Pró-Reitora Vera Ramires, pela oportunidade do convite para iniciar o curso. Com certeza foi um momento muito especial. Obrigada.

Agradeço aos colegas de mestrado, Juliana Justo, Tatiana Martins, Bernadete, Aline, Regina, Walmir, Juliana Maciel, entre outros, muitas foram as lágrimas, em compensação os momentos de risos supriram todas as tristezas, esses momentos ficarão guardados para sempre em meu coração.

Agradeço a Prof.ª Adriana Toigo, pelas contribuições teóricas depositadas em seu livro, junto a Prof. Dr. Nadia Valentini. Os conteúdos apresentados colaboraram de forma expressiva no real valor que devemos dar as aulas de Educação Física.

À minha especial professora de educação Física durante a infância:

Agradeço a minha querida professora Ana Maria Nascimento Eberle, você com certeza foi o grande referencial na escolha de minha profissão. Quiçá nossos educadores de atividades físicas tivessem a fibra e o amor que você sempre demonstrou. Que Deus a abençoe em todos seus caminhos. Obrigada.

Aos meus sogros in memoriam!

Aos meus queridos sogros que durante muitos anos de minha vida trouxeram-me paz e muita luz. Que Deus abençoe suas almas. Amém.

À Igreja Vida Nova:

Agradeço aos meus irmãos da Igreja Vida Nova, aos pastores Joice Pereira e Yuri Yesinczuk e suas incansáveis esposas; Ruth Pereira e Ana Yesinczuk. Vocês simbolizaram a luz nessa caminhada; obrigada por todos os momentos de orações. Vocês tornaram Deus fundamental em minha vida. A busca por essa existência é que me fez enxergar o verdadeiro sentido do *estar aqui.* Que Deus abençoe vocês.

Às escolas em que realizei os estudos:

Agradeço a direção, orientação pedagógica e professores da Escola Nossa senhora do Brasil. Obrigada por me acolherem como membro da família.

Agradeço a direção e professores da Escola Companhia do Brincar, obrigada pela oportunidade oferecida.

Às crianças em especial:

Agradeço as crianças das escolas, sem vocês esse trabalho não teria sentido algum. Vocês são a existência e o desafio para a construção de uma educação na busca por um universo verdadeiro.

Aos meus amigos:

Agradeço em especial minha ex – ginasta e hoje colega, Liziane Bergue pela dedicação com seus alunos e paciência em dividir suas aulas com meu trabalho. Obrigada.

Agradeço de coração à amiga Yumi Sawasato pela sua brilhante contribuição pedagógica na área da Ginástica, visto que você é uma referencia a nível Nacional e Internacional. Obrigada e que Deus abençoe teus caminhos.

Agradeço minha amiga Viviane Teixeira, (psicóloga) obrigada pela escuta e pelas palavras carinhosas. Você foi muito importante nessa conquista.

Agradeço aos meus companheiros do grupo Nar-Anon. Na vida nada é por acaso, e vocês me fizeram acreditar que através de um poder superior podemos

derrubar muitas fronteiras. Obrigada pela acolhida.

Agradeço a minha esteticista, Heloísa, obrigada por esse ombro amigo, você acompanhou toda essa jornada, e sempre com palavras fortes me fez suportar tudo e acreditar até o fim. Obrigada. Que Deus ilumine todos teus caminhos.

Agradeço a minha secretária Beatriz, que muito suportou minhas mudanças de humores, obrigada pela ajuda.

Agradeço a minha amiga Rubiane Oliva, que no início do trabalho trouxe-me segurança e idéias que colaboraram nessa construção.

Agradeço as minhas colaboradoras, Consuelo Vallandro, Renata Souza e esposo, seus detalhes na tradução, correção e formatação, foram fundamentais para o cumprimento da realização desse trabalho. Obrigada

Enfim, agradeço a todas as pessoas que de alguma forma colaboraram para a realização desse trabalho.

"Na educação de nossos filhos
Todo exagero é negativo.
Responda-lhe, não o instrua.
Proteja-o, não o cubra.
Ajude-o, não o substitua.
Abrigue-o, não o esconda.
Ame-o, não o idolatre.
Acompanhe-o, não o leve.
Mostre-lhe o perigo, não o atemorize.
Inclua-o, não o isole.
Alimente suas esperanças, não as descarte.
Não exija que seja o melhor, peça-lhe para ser bom e dê exemplo.
Não o mime em demasia, rodeie-o de amor.
Não o mande estudar, prepare-lhe um clima de estudo.
Não fabrique um castelo para ele, vivam todos com naturalidade.
Não lhe ensine a ser, seja você como quer que ele seja.
Não lhe dedique a vida, vivam todos.
Lembre-se de que seu filho não o escuta, ele o olha.
E, finalmente, quando a gaiola do canário se quebrar, não compre outra...
Ensina-lhe a viver sem portas."

(Eugênia Puebla).

RESUMO

Este estudo teve como objetivo investigar a Ginástica Artística: equilíbrio corporal no desenvolvimento das habilidades motoras na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, chamando a escola à um olhar mais significativo na inclusão dessa modalidade como conteúdo pedagógico visando justificar uma prática educativa em diferentes contextos. No primeiro capítulo foram apontadas pesquisas bibliográficas na perspectiva de novos olhares para a prática da educação Física a partir dos estudos sobre currículos, a fins de, avaliar quais as contribuições da Ginástica Artística frente a essas experiências curriculares. No segundo capitulo, buscou-se o resgate histórico da ginástica artística, situando o leitor de suas origens, sua inter-relação com o currículo escolar e seus reais subsídios para o desenvolvimento da corporeidade da criança. A metodologia aplicada nesse estudo, aparece no terceiro capitulo, onde desvendo a caminhada percorrida neste estudo, o ambiente trabalhado, as entrevistas, procedimentos e materiais. Foram analisadas quatro turmas; uma da Educação Infantil, com idades entre (4 a 5) anos, e três do Ensino Fundamental, com idades entre (6 a 11) anos. Através de uma abordagem qualitativa, foi possível aplicar a pesquisa-ação, onde em alguns momentos a pesquisadora atuou como professora. Foram realizadas quinze aulas ao todo. Os dados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas à área pedagógica e professores das escolas, através de perguntas abertas; e para as análises e descrição das aulas foi utilizado como recurso, as filmagens. O ambiente das aulas ocorreram no ginásio e em áreas cobertas, os materiais usados para a realização das aulas foi o principal atributo desse trabalho, trazendo à publico, que através de materiais adaptados e de fácil fabricação, o professor poderá desenvolver e contemplar as habilidades motoras necessárias durante os anos iniciais. E para finalizar, no quarto capítulo estão descritas todas as aulas como forma de poder colaborar com a parte lúdica trazendo ilustrações de diferentes modelos de aulas. Avaliando também comportamentos e atitudes dos alunos durante as aulas, na construção pedagógica, e na didática dos professores envolvidos nas atividades. Esses resultados sugerem uma aproximação da ginástica artística nas aulas de educação física quanto a sua inclusão no âmbito escolar.

Palavras chave: Ginástica Artística – Currículo escolar – Educação Física.

ABSTRACT

This study aims at investigating the Artistic Gymnastics: corporal balance in the development of motor skills in the childhood education and during the first years of Elementary School, inviting the school to consider more seriously the inclusion of this sport as pedagogical content, having as a goal the justification of an educational practice in different contexts. In the first chapter, some bibliographical researches are presented in the perspective of new points of view on the practice of Physical Education based on the study of the curriculum so as to evaluate which are the contributions of Artistic Gymnastics facing these curricular experiences. In the second chapter, a historical review of the Artistic Gymnastics was made, exposing its origins, its inter-relation with the school curriculum and its actual benefits to the development of a child's corporeity. The methodology applied to this study is demonstrated in the third chapter, where all the way followed to reach this final work is detailed: the environment observed, the interviews, the procedures and the materials. Four groups were analyzed: one of childhood education, from 4 to 5 years of age, and three of Elementary School, aging from 6 to 11 years old. Through a qualitative approach, it was possible to apply the action research, therefore in some moments the researcher acted as a teacher. Fifteen classes were made. The data were collected through semi-structured interviews made with the schools pedagogical department and the teachers at the institutions, following open questions; furthermore, videos were used as an instrument for the descriptions and analyses of the classes. The class environments were always inside a Gymnasium or indoors, the material used in these classes was the main point of this work, which demonstrates to its readers that it is possible for the teacher to develop and contemplate the necessary motor skills during the first years by using adapted and easily made apparatus. And, finally, in the fourth chapter there are descriptions of all the classes so as to collaborate with the ludic side of the class, showing illustrations of different class models, evaluating also the students' behavior and attitudes during the classes, and the pedagogical construction and the didactics applied by teachers involved in the activities. These results suggest there should be an approach of the Artistic Gymnastics in the Physical Education classes and its inclusion in the school curriculum.

Keywords: Artistic Gymnastics – School Curriculum – Physical Education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Escola *A*- a professora realizando um aquecimento articular 56
Figura 2 - Atividade com cordas - formar figuras de GA com cordas).....56
Figura 3 - suspensão nas barras Paralelas 61
Figura 4 - Aquecimento articular.....61
Figura 5 - sala de artes e de ginástica artística.....62
Figura 6 - Pátio externo com playground 62
Figura 7 - Quadra Poliesportiva, quadra externa, pátio central.....64
Figura 8 - Materiais básicos adaptados para a aplicação nas aulas de GA. Escola *A* ...68
Figura 9 - Materiais disponíveis na escola: (rampas, trampolins, mini-trampolins, colchões bancos-suecos), fundamentais no desenvolvimento das habilidades motoras.....69
Figura 10 - Arcos espalhados pelo tapete (carpete).....73
Figura 11 - materiais utilizados no circuito 74
Figura 12 - Modelo de montagem de circuito com aparelhos adaptados.....77
Figura 13 - Ginásio de esportes 79
Figura 14 - atividades com Bancos Suecos.....83
Figura 15 - circuito de aparelhos 86

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 15

1 NOVOS OLHARES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DOS ESTUDOS SOBRE CURRÍCULO 20

1 NOVOS OLHARES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DOS ESTUDOS SOBRE CURRÍCULO 20

1.1 A DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA INSERIDA NOS CURRÍCULOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL 26

1.2 A DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA TAREFA DE EDUCAR O CORPO E A MENTE PARA O MOVIMENTO 30

2 OS USOS DO TERMO GINÁSTICA ARTÍSTICA E SUA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA 35

2.1 ALGUNS INDICADORES DA CONSTRUÇÃO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA NO BRASIL 37

2.2 A ARTICULAÇÃO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA COM O CURRÍCULO ESCOLAR 40

2.3 AS CONTRIBUIÇÕES DA GINÁSTICA ARTÍSTICA ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO DA CORPOREIDADE DA CRIANÇA 44

3 PASSOS METODOLOGICOS COMO INSTRUMENTO NA AÇÃO PEDAGÓGICA 50

3.1 DESVENDANDO A CAMINHADA 50

3.2 A ENTREVISTA 52

3.3 O AMBIENTE 61

3.4 PROCEDIMENTOS E MATERIAIS 64

4 ANÁLISE E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES GIMNICAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FISICA 72

4.1 AULA (A) – ATIVIDADES LÚDICAS - ESCOLA A – INTRODUÇÃO A GINÁSTICA ARTÍSTICA 72

4.2 AULA (B) ESCOLA A – AQUECIMENTO ARTICULAR – CIRCUITO DE APARELHOS 76

4.3 AULA (C) ATIVIDADES LÚDICAS - ESCOLA B 78

4.4 AULA (D) INTRODUÇÃO A GINÁSTICA ARTÍSTICA - AQUECIMENTO GERAL - ATIVIDADE COM BANCOS SUECOS - ESCOLA B 81
4.5 AULA (E) AQUECIMENTO ESPECIFICO – CIRCUITO 2 – ESCOLA B 85
CONSIDERAÇÕES FINAIS 89
REFERÊNCIAS 94
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 102
APÊNDICE B - PERGUNTAS GERADORAS PARA A ÁREA PEDAGÓGICA DA ESCOLA A E B 103

INTRODUÇÃO

> “Se você não mudar a direção, terminará exatamente onde partiu”.
>
> Provérbio chinês

Desde meus primeiros anos de vida, a prática esportiva fez parte de meu cotidiano escolar. Grande parte dessa trajetória veio auxiliar-me no tratamento de uma doença respiratória, para a qual o exercício se tornara como uma receita médica, diminuindo o risco de insuficiência cardiorrespiratória. Essa luta perdurou por muitos anos, e com isso várias experiências esportivas foram vivenciadas e praticadas com muita disciplina e dedicação. Em cada modalidade que eu participava, percebia meu encanto pelo esporte. Infelizmente, eu era uma das poucas crianças que gostava das aulas de educação física, pois muitos de meus colegas levavam atestados médicos para burlarem as aulas. Isso me entristecia profundamente; e eu, de porte dos atestados, os rasgava para poder fazer as atividades. Apesar da doença, sempre pude participar de todas essas práticas, jogando, correndo, subindo em árvores, muros, virando cambalhotas, sempre com muita agilidade e alegria.

Não há como apagar isso da memória, pois toda criança deve ter o seu tempo de brincar. O brincar deve fazer parte do cotidiano do ser humano – “quero ser criança até o final: a criança é fase criadora por excelência” (PIAGET, 1998, p. 29). Meus anseios e encantamentos por esportes fizeram com que, ao longo de minha vida, buscasse um futuro profissional voltado para a área da saúde, do movimento, do corpo; queria realizar o sonho de tornar-me uma educadora em Educação Física (EF).

Aos doze anos, conheci a Ginástica Olímpica, hoje chamada de Ginástica Artística (GA)[1]; assunto que irei aprofundar adiante. Fiquei deslumbrada com todas aquelas piruetas e saltos na cama elástica. Não fui uma ginasta de alto rendimento, mas aprendi movimentos importantes. Ao longo de minhas aulas de EF, percebi a facilidade que tinha para desenvolver atividades que exigiam coordenação,

[1] Nomenclatura universal adotada pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB) desde 2007, após os “Jogos Pan-americanos”.

impulsão, agilidade.

Quando cheguei à faculdade, passando pela disciplina de ginástica, não encontrei nenhum obstáculo, pois já havia presenciado todos aqueles movimentos; em compensação, minhas colegas quase foram reprovadas, pois nunca tinham vivenciado quaisquer daqueles exercícios. Foi então que percebi o quanto nossas escolas estavam carentes de atividades que proporcionassem às crianças um programa mais específico de exercícios que viessem a oferecer um ambiente mais propício na aprendizagem, com exercícios que contribuíssem para o desenvolvimento das habilidades motoras. Alguns estudos realizados por profissionais na área da GA confirmam esse distanciamento (NISTA-PICCOLO, 1998; POLITO, 1998; BARBOSA, 1999; PAOLIELLO, 2001; AYOUB, 2003). O foco dessas pesquisas foi a ausência da GA nas aulas de EF; ou seja, os conteúdos propostos na grade curricular não observam a existência da ginástica no ambiente escolar.

Saudades de outrora, quando passávamos por parques e praças, independente do dia e deparávamos com crianças brincando e saltitando alegremente. O movimento era visto de forma diversificada e expressiva. Mas, infelizmente o que encontramos hoje são crianças aprisionadas pela exiguidade de espaço; vítimas da tão constante violência que transcorre em nossas ruas. A globalização chega ao mundo desbancando o natural; ou seja, o poder das máquinas toma a frente com seus computadores, games, TV a cabo e controles remotos. Essa privação ao movimento tende a tornar essas crianças e jovens no futuro, pessoas carentes em suas habilidades motoras, chegando à fase adulta com um alto índice de inatividade, obesidade, entre outros problemas.

A aquisição das habilidades motoras deveria ser um pretexto básico na representação da EF escolar. O movimento gímnico[2] oferece um papel importante no que se refere à experiência do domínio corporal no qual essas mesmas habilidades motoras consideradas fundamentais, agem como um meio facilitador do desenvolvimento de diversas capacidades físicas e da melhoria da aptidão física.

Em pesquisa desenvolvida em oito escolas, públicas e particulares (BETTI, 1992), verificou-se que o conteúdo desenvolvido raramente ultrapassa a esfera

[2] O movimento gímnico foi na realidade um novo conceito e um novo conteúdo onde são expressadas todos os conjuntos das ginásticas, entre elas: Ginástica Rítmica, Ginástica Artística, Ginástica Geral e Ginástica de Trampolim. A pretensão desse movimento era o de indicar um novo sistema de EF, mais precisamente de EF extra-escolar (BORRMANN, 1980).

esportiva, restringindo-se a voleibol, basquetebol e futebol. Fato ainda mais alarmante foram as respostas dos alunos; que, na maioria, afirmaram que gostariam de aprender outros conteúdos.

Foi pensando justamente nessa restrição de modalidades esportivas, que veio o interesse no trabalho aqui apresentado como proposta de pesquisa, no qual a ideia principal visa ampliar o conhecimento do tema GA e suas reais contribuições no âmbito escolar. A problemática consta em corroborar o tipo de aplicabilidade da GA dentro do contexto escolar, utilizando-se de instrumentos pedagógicos para o movimento, tendo como público alvo os alunos de Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Para Kuns (1994), também existem críticas em relação a essas modalidades esportivas restritas. Não que ele seja contra o ensino da técnica; pelo contrário, esses movimentos técnicos com bolas podem e devem ser trabalhados nas escolas, mas não como objetivo central e único. O ensino das aulas de educação física deve ser repensado no sentido de respeitar o momento da priorização de trabalhar determinadas técnicas. Deve-se voltar o olhar para que as aulas possam atender a determinados métodos em que percepção, sensibilidade e intuição não sejam esquecidas; pois, através da prática contínua desses métodos, a execução dos movimentos parte para uma melhor qualidade da aprendizagem.

Por meio de uma leitura mais aprofundada sobre os PCN’s, percebe-se que a GA é uma modalidade que deveria estar inserida no planejamento curricular das escolas. Fato que continua desconhecido por muitas escolas e professores.

Somente alguns Estados levaram adiante essa experiência de inclusão da GA no contexto curricular, como São Paulo (NUNOMURA, 1998) e Santa Catarina (BONETTI, 1999). Com base nesse fato, veio-me a vontade de investigar escolas na Região Metropolitana de Porto Alegre, onde a GA pudesse estar inserida no contexto curricular na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

A preocupação com a escolha do tema manifestou-se por uma longa vivência como atleta, técnica e docente das disciplinas de ginástica geral e GA do curso de EF do Centro Universitário Unilasalle/Canoas-RS e do clube Grêmio Náutico União de Porto Alegre/RS. Como atleta; tive o privilégio de vivenciar o quanto o esporte colabora no processo formativo educacional do ser humano, haja vista a disciplina que precisamos ter para atingirmos nossos objetivos, a organização dos horários, a sociabilização, o espírito de equipe e o destaque no desenvolvimento do equilíbrio

das habilidades motoras. Enfim, participando de todas essas propostas, percebi o quanto elas me ajudaram quando me tornei técnica de GA; pois até hoje prego essa disciplina as minhas atletas; considerando a motivação na execução das aulas, a determinação do cumprimento dos objetivos e a importância que a prática esportiva tem para uma melhor qualidade de vida.

Mas, minha inquietação apareceu mesmo na docência. Um dos pontos observados foi a dificuldade que os alunos apresentaram na disciplina de GA, principalmente na realização de determinados exercícios considerados básicos; ou seja, diversas valências físicas que são tidas como fundamentais durante a infância. Com certeza, esses fatores passaram ocultos durante seus períodos escolares, provenientes de trabalhos que falharam durante suas aprendizagens; ou seja, as aulas de educação física não preencheram o desenvolvimento dessas habilidades educativas consideradas como essenciais na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Portanto:

> Não haverá de ser somente com experimentos, teorias e conhecimentos científicos que ensinaremos a crianças e adultos, o essencial a respeito das pessoas que são da vida que partilham e do mundo em que vivem (BRANDÃO, 2005, p. 27).

A intenção, neste estudo, é desmistificar a ideia de que a GA deve ser vista apenas como esporte de alto rendimento. De acordo com Nista-Piccolo (1998, p. 122), “a GA é considerada um dos esportes básicos, por desenvolver todas as qualidades de movimento, aprimorando todas as capacidades e habilidades físicas do praticante”.

Seguindo esses pressupostos, o objetivo geral desta investigação, fundamentada em bibliografia concernente e em minha experiência profissional foi:

- Analisar e interpretar as contribuições da GA para as crianças, a partir de experiências curriculares na área da EF, dos segmentos da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede privada da cidade de Porto Alegre.

Baseado nessa premissa; questiona-se: *Quais as contribuições de GA para crianças dos segmentos da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a partir da análise de experiências curriculares bem-sucedidas da área de EF na rede privada da Cidade de Porto Alegre*?

No primeiro capítulo, será apresentado o conceito de currículo e sua linguagem com a EF, focando o olhar da GA nas aulas de EF como parte integrante no âmbito escolar. Serão esclarecidos alguns tópicos essenciais a respeito da legislação do curso de EF. Também traremos como proposta, buscar aproximar esse movimento de produção de saberes aliados à arte de educar o corpo e mente através do exercício construindo assim uma ação mais lúdica e pedagógica.

No segundo capítulo, trata da história da GA e seus principais fundadores; desde sua origem até os tempos atuais, a fim de situar o leitor quanto ao processo evolutivo da ginástica ao longo desses anos e de sua real importância nas diferentes estruturas pedagógicas; aproximando a GA ao currículo escolar, como uma possibilidade. Aqui trocaremos a linguagem natural, pela linguagem do corpo, na qual a prática dessas possa vir a resgatar o valor às aulas de educação física na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

No terceiro capítulo, têm-se todos os passos da organização metodológica de acordo com a investigação feita durante todo o estudo, (entrevistas, descrição, fotos), no qual se buscou destacar alguns aspectos relevantes nessa exploração como: conteúdo, ambiente, inclusão da GA ao currículo, materiais utilizados nas aulas, número de participantes...

No quarto capítulo, como finalização do estudo a análise das aulas simboliza todos os detalhes descritos criteriosamente através das observações e da participação da pesquisadora em alguns momentos: participação e motivação dos alunos; relação professor-aluno, construção pedagógica das aulas. Das vinte e seis aulas observadas, foram selecionadas cinco como registro dessas análises interpretativas.

O ambiente escolar escolhido pertence a rede privada da cidade de Porto Alegre/RS, por serem encontradas apenas duas escolas que tem a GA como inclusão nas aulas de educação física no currículo escolar.

1 NOVOS OLHARES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DOS ESTUDOS SOBRE CURRÍCULO

Em seu sentido primordial, o vocábulo currículo, derivado do *latin curriculum*, significa, pista de corrida. Em sua origem, é derivada de *currere*, da qual origina-se *currus*, que eram os coches para corrida utilizados na era do império. A partir dessa explicação etimológica foram privilegiados os estudos das teorias críticas, por entender que os avanços conquistados por elas têm influenciado sobremaneira o incremento das pesquisas a respeito do próprio sentido democrático das ações curriculares, em relação aos processos e práticas de gestão educativa.

Em meados dos anos de 1940, tiveram início os estudos sobre o campo de currículo, no qual uma das propostas foi a de refletir sobre as dimensões psicológica, epistemológica e teleológica, evidenciando-se preocupações prescritivo-tecnicistas, cujo foco está na forma como o currículo deve ser pensado e elaborado.

"De 1940 a 1980, o currículo sustenta a intenção da legitimação das práticas de ensino controladoras, fazendo com que a educação colabore na construção dos objetivos chamados de eficiência social" (NOGUEIRA & CORREIA, 2002, p. 9), ou seja, que se imponha através da ação tanto política quanto social e pedagógica

Desde os anos de 1980, a produção teórica em torno da temática do currículo teve um aumento considerável no Brasil, tendo influência direta das teorizações norte-americanas. Para se ter uma ideia; hoje no Brasil, só na área da educação, existem 147 equipes dedicadas ao estudo de currículo, segundo alguns grupos de pesquisa que ainda se encontram em andamento no CNPQ[3]. Foi então que a partir de 1980, que essas influências perderam forças e outras vertentes decorrentes de pensamentos marxistas, ganharam espaços.

Quando pensamos em currículo, logo o associamos a um programa ou a um planejamento dentro de uma grade curricular na escola. Mas, segundo Corazza (2001, p. 9), o currículo perpassa os conceitos que o enquadram apenas como um simples projeto pedagógico – para a autora, o "currículo é uma linguagem". Logo, ele

[3] Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): agência do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) destinada ao fomento da pesquisa científica e tecnológica e à formação de recursos humanos para a pesquisa no país. Sua história está diretamente ligada ao desenvolvimento científico e tecnológico do Brasil contemporâneo.

tem fala, emite sons, imagens, representações; tem vida, portanto, está inserido numa prática social, de maneira que “pensar/fazer currículo é, antes de tudo, uma atividade que envolve a produção de saberes”, “a promoção do crescimento dos seres humanos” (NOGUEIRA & CORREIA 2002; COLL, 1999). Nele aparecem grandes revelações que englobam interesses da sociedade junto à educação, atrelados na história e em conflitos de raças, classes, religiões e sexo.

Os estudos de Godson (1995), por exemplo, apontam para a compreensão da gênese do vocábulo currículo, no âmbito educacional, vinculada aos impactos dos processos de industrialização a partir do século XIX, principalmente nos sistemas de qualificação de mão-de-obra, associado a criação de mecanismos destinados à escolarização de massa.

Desse ponto de vista, pode-se dizer que o interesse pelo currículo não surgiu como uma necessidade intelectual, mas como uma tarefa específica e no âmbito das políticas de gestão da educação.

Apesar de ser utilizada com muitas e variadas acepções, como por exemplo, programas educativos das escolas e de ser um conceito polissêmico por excelência, marcado por ambigüidades em virtude de sua natureza e dimensão; a denominação currículo pode ser concebida, basicamente, como sendo uma forma de representação, imagem ou signo dos processos e práticas de gestão educacional[4]. Para Suaréz (1995), a revisão conceitual dos projetos curriculares pressupõe, em síntese, um conjunto de fatores.

> As experiências da vida grupal (étnica, de classe, de gênero, de geração, etc.), as reminiscências de certos aspectos da própria biografia, fragmentos da memória social e histórica e, inclusive, certos conteúdos culturais incorporados sob a forma de capital cultural são elementos que, consciente ou inconscientemente, exercem um papel significativo na representação e atuação do currículo (SUARÉZ, 1995, p. 266).

Busca-se em essência, com esses enfoques proceder uma análise sobre o que ocorre no interior das instituições e para além delas, em relação aos seus rituais e rotinas, conflitos e interesses, como forma de abreviar a profunda crise de identidade que assola o espaço escolar.

[4] A esse respeito, destacam-se as preocupações de Pacheco (1996, p. 16) “Insistir numa definição abrangente de currículo poder-se à tornar extemporâneo e negativo dado que, apesar da recente emergência do currículo como campo de estudos e conhecimentos especializado, ainda não existe um acordo generalizado sobre o que verdadeiramente significa”.

São, pois, preocupações decorrentes desses estudos, o papel sócio-cultural exercido pelo currículo na mediação entre a sociedade, a escola e o conhecimento e, em especial para a concretização da função que se atribui à educação escolarizada em sociedades democráticas. Estamos considerando ensinar, na educação escolarizada, como a organização e a articulação de situações entendidas como ações intelectuais em momentos contextualizados, complexos e incertos, visando promover aprendizagens significativas (PALMA, 2008, p. 2).

Então, se o currículo veio para dar sentido ao mundo em que “de fato” vivemos, para Young (1977), ele precisa acontecer no nosso cotidiano. O autor esclarece a forma como classifica e identifica o conceito de currículo, como “currículo de fato”:

> O “currículo como fato” precisa ser considerado não como mera ilusão, camada superficial da prática escolar de alunos e professores, mas como uma realidade social, historicamente específica, expressando relações de produção particulares entre pessoas. Semelhante currículo é uma mistificação quando se apresenta como algo que possui vida própria e confunde as relações humanas nas quais, como qualquer conceito de conhecimento, está embutido fazendo da educação uma coisa que as pessoas não podem compreender nem controlar (YOUNG, 1997, p.18).

Sabemos, então, que, para a compreensão de um componente curricular, ele deve se ajustar em um complexo de conhecimentos organizados e adequados à aprendizagem, sempre orientados pelos objetivos gerais de cada área (COLL, 1997; CHERVEL, 1990). Através desse discurso, volto meu olhar para as dificuldades que a EF escolar enfrenta no que tange aos currículos. Para Freire, sua legitimidade pode ser real, desde que:

> Possa ser reconhecida como um componente curricular, tão importante quanto os outros, sendo que deve apresentar objetivos claros e um corpo de conhecimentos específicos e organizados, cuja aprendizagem possa colaborar para que os objetivos da educação escolar sejam alcançados (FREIRE, 1999, p. 45).

Os próprios PCNs reforçam esse discurso quando apontam que os alunos dos anos iniciais devem ser capazes de: posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas; conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos

básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva.

A linguagem do currículo deve ir além do contexto teórico,

> [...] ela pode aparecer apenas como uma linguagem corporal, como especificidade na EF, e, portanto que se possa achar que ela é propriedade dessa área no conhecimento, muito pelo contrário, ela deve ser considerada por todos os outros que integram o âmbito escolar (AYOUB, 2000, p. 57).

Resgatar com isso, a relevância das teorias curriculares nos contextos pedagógicos é, pois, recuperar a consciência do valor político e cultural da escola, principalmente nos momentos históricos de profundas rupturas, em decorrência da pressão que as instituições escolares sofrem para que adaptem seus conteúdos e modos de gestão aos indicadores econômicos e às leis de mercado. Sua riqueza não pode estar focada apenas na dimensão dos conteúdos ou nas disciplinas escolares, tampouco no percentual de pessoas a serem educadas pelo ensino de conteúdos pré-estabelecidos; mas, sim, na dimensão humana nas quais estão inseridos esses indivíduos.

Há de se pensar nesse discurso como um modelo de existir uma intercomunicação entre a teoria com a prática, provocando diversos movimentos, em que a aprendizagem dos nossos alunos possa ser significativa e ao mesmo tempo; autêntica.

Em oposição às vertentes mais tecnicistas e esportivistas, surgem novos movimentos na EF escolar, especialmente a partir do final da década de 70, inspirados no novo momento histórico-social pelo qual passou o país. Todos esses movimentos e concepções buscam romper com o modelo mecanicista. Mas, quando transferimos essa natureza de compreendermos a GA como conteúdo das aulas de EF, percebe-se que tanto a abordagem desenvolvimentista quanto a abordagem sistêmica se encaixam com muita clareza nessa proposta curricular (DARIDO, 1998).

Na abordagem desenvolvimentista, especificamente para crianças de quatro a quatorze anos, defende-se a ideia de que o movimento é o principal meio e fim da EF (DARIDO, 1998). A proposta dessa abordagem não é buscar, na EF, solução para todos os problemas sociais do País, mas privilegiar a aprendizagem do movimento (TANI, 1998).

Outra abordagem que vejo ter uma relação com os estudos nos quais compreendem a EF; e que podem dar sustentação à GA como conteúdo nas aulas é a abordagem sistêmica, já que ela contribui na constante preocupação de garantir a especificidade, na medida em que considera o binômio corpo/movimento como meio e fim da EF escolar. A importância dessa especificidade se dá através da finalidade da EF na escola, que é de integrar e introduzir o aluno de Ensino Fundamental e Ensino Médio no mundo da cultura física, formando o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física (o jogo, o esporte, a dança, a ginástica). (BETTI, 1991), ou seja, perceber e entender as diferentes manifestações da cultura corporal, reconhecendo e valorizando as diferenças de desepenho, linguagem e expressão. Enfim, essa abordagem esclarece os valores e finalidades da EF na escola e propõe princípios que buscam nortear o trabalho do professor de EF: *a não-exclusão e a diversidade*.

Aparecem ainda dentro desse contexto as abordagens construtivista-interacionista e a crítico-superadora. Na primeira abordagem a preocupação aparece através dos padrões de comportamento na busca pelo desempenho máximo do aluno, indiferente deste aluno ter ou não habilidade para esportes competitivos ou de rendimento, ou seja, não há distinção. Ela apresenta uma integração maior no que se refere a uma proposta pedagógica ampla e integrada da EF nos anos iniciais de educação formal. Por ser uma linha construtivista, no qual o papel aparece como construir o conhecimento. Jean Piaget aparece como um dos precursores nessa abordagem.

A segunda abordagem trás como ponto de apoio o discurso da justiça, sendo ela baseada no marxismo e neomarxismo, que para EF teve uma forte influência na contribuição dada pelos educadores José Libâneo e Dermeval Saviani. Ela ressalta com muita ênfase a importância do momento histórico no qual o programa está sendo desenvolvido e inserido no contexto da prática pedagógica.

Essa compreensão torna-se imprescindível à medida que o aluno percebe a real importância em relação à produção que a humanidade expressa numa determinada fase, e ao longo do tempo que essas mudanças possam ser vistas..

O elo da GA com a EF e sua diversidade de trabalho deve-se a sua real ligação com o corpo humano, no qual se distingue por uma amplitude de produções de sentidos. Dessa forma, a capacidade da busca da compreensão do corpo em relação ao seu próprio movimento, ou componente reflexivo, traz um ensejo de

trabalho junto à ginástica, independentemente do foco que se busca destacar: biológico, humano ou ação dos mesmos e as diversas abordagens que cada uma delas pode oferecer. Ainda é necessário percorrer um longo caminho na busca de um entendimento entre as abordagens para que a EF escolar alcance os seus reais objetivos.

Por isso, a palavra “currículo” não pode ficar apenas dentro de um programa ou projeto escolar. O currículo deve caminhar sempre na busca de novos saberes e fazeres, novos valores e reconhecimento do Ensino Fundamental.

> Deve ter o olhar centrado nas palavras que portam novas possibilidades para o cotidiano escolar e introduzir “novos sentidos” para a qualidade interrogando e investigando valores que atravessem a prática apenas pedagógica (ESTEBAN, 2003, p. 33).

Certamente, essas leituras sobre currículos devem fazer as escolas, professores, orientadores e gestores, (re)lembrarem os diversos espaços de aprendizagem em que conviveram no passado e, com o olhar voltado para o presente, caminhar no sentido de ultrapassar barreiras, compreendendo, acreditando na mudança das propostas curriculares, para que, à luz do horizonte, possamos aspirar a uma escolarização justa e verdadeira. Se por um lado, as opções curriculares respondem a perguntas sobre o que, como, por quê; e para que ensinar e aprender. Por outro, abrangem práticas sociais e históricas, de natureza diversa (política, econômica, etc.), que por sua vez, produzem certo modo operante da gestão educativa, expressos em concepções e objetivos, atitudes e habilidades, opções e decisões administrativo-pedagógicas. Segundo Pacheco (1996, p. 17):

> [...] não se conceituará currículo como um plano, totalmente previsto, mas como um todo organizado em função de questões previamente planificadas, do contexto em que ocorre e dos saberes, atitudes, valores, crenças que os intervenientes trazem consigo, com a valorização das experiências e dos processos de aprendizagem.

Isso poderá levar tempo; por isso, é preciso que façamos nossas tarefas de acordo com o ritmo do relógio, como diz Comenius (1996, p. 186):

> Todo mistério do relógio consiste na ordem. As escolas deveriam reproduzir esse modelo, valendo como referencial a perfeita regularidade de suas peças. Dando continuidade a esse pensamento: “a arte de ensinar nada mais exige, portanto, que uma habilidosa repartição do tempo, das matérias e do método”.

A interface entre ensinar, aprender, formar e reformar é que faz do educador o sujeito de sua autenticidade, de sua criatividade – um sujeito que tem a sensibilidade e a ousadia para mudar.

1.1 A DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA INSERIDA NOS CURRÍCULOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A concepção de EF e seus objetivos na escola, à luz das concepções de currículo contemporâneas, precisam ser reavaliadas e examinadas no que se refere à transformação de sua prática pedagógica. Com isso, pressupõe-se que, em um sentido geral e abstrato, o componente currículo representa a dimensão cultural e cognitiva do ensino, englobando, portanto: “seus conteúdos, saberes, competências, símbolos e valores” (SOUZA, 2001. p. 82).

A EF apresenta, como uma de suas propostas, capacitar o aluno para ser um praticante lúcido e ativo, de forma que o esporte possa ficar arraigado nos demais componentes da cultura da corporeidade em sua vida. Um dos grandes desafios do educador é escolher com êxito e atenção, o que ensinar e de que maneira ensinar. Ele deve proporcionar aprendizagens que tenham sentido na vida dos educandos, começando pela própria escolha dos conteúdos que possam despertar a vontade de aprender.

Molina (1997) tem uma visão própria da prática da EF escolar, pois estabelece que o conteúdo que fundamenta esse componente curricular está enraizado historicamente nas manifestações culturais das técnicas corporais e, ainda, embasado nos objetivos educacionais, na saúde, no lazer e no treinamento físico esportivo.

Portanto, num processo de longo prazo, a EF deve levar o aluno a descobrir motivos e sentidos nas práticas corporais. Deve favorecer o desenvolvimento de atitudes positivas para com elas e levar à aprendizagem de comportamentos adequados a sua prática, na proposta de alcançar conhecimento, compreensão e análise de seu intelecto, dirigir sua vontade e sua emoção para a prática e a apreciação do corpo em movimento (BETTI, 1992).

A Carta Brasileira de Educação Física determina que, para haver uma EF de

qualidade nas escolas, é indispensável que seja obrigatória no ensino básico e que exista uma integração perante as outras disciplinas na composição do currículo escolar. Seu conteúdo deve ser elaborado sob a forma de esporte como um processo educacional, possibilitando ao aluno experiências, vivências e convivências no uso de atividades físicas e no conhecimento de sua corporeidade. (CARTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2001). Seguida do amparo da Lei 9.394[5] de 20 de dezembro de 1996, a educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da educação básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), como o próprio nome diz, propõem orientações gerais sobre o básico a ser ensinado e aprendido em cada etapa. Os professores devem adaptá-los à realidade de suas escolas e alunos. Os PCN's prestam-se a orientar o planejamento escolar, as ações de reorganização do currículo e as reuniões com professores e pais. Nos meios escolares, em 1997, chegaram às escolas os PCN's de 1ª a 4ª série; no ano seguinte, os de 5ª a 8ª série.

Os PCN's relativos à Ensino Fundamental referem-se aos blocos de conteúdos a serem ministrados, que são: a) esportes, jogos, lutas e ginástica; b) atividades rítmicas e expressivas; c) conhecimento sobre o corpo. Os blocos de conteúdos definem as práticas corporais e os objetivos para cada uma delas.

> [...] define como objetivo para serem colocados em prática uma divisão por blocos como forma de organização de conteúdos. No primeiro bloco, é realizado conhecimentos sobre o corpo, ou seja, diz respeito aos conhecimentos e conquistas individuais que subsidiam as práticas corporais, que aparecem expressas nos outros blocos dando recurso para o indivíduo aprender a gerenciar sua própria atividade corporal (PCN's, blocos de conteúdos do Ensino Fundamental, p. 36).

Nesse bloco, também enquadramos a Educação Infantil. A idade pré-escolar compreende o período entre três e sete anos, e é chamada como idade do brilho na infância, na qual podemos perceber através da criança a pureza do seu olhar (WEINECK, 2005). Na estrutura educacional vigente, crianças nessa faixa etária são enquadradas na chamada Educação Infantil. Nessa fase, ocorrem importantes processos de organização e absorção de informação. As crianças necessitam de atividades que aprimorem a assimilação das aprendizagens escolares e que possam

[5] BRASIL, Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br /ccivil_03/LEIS/l9394.htm>. Acesso em: 15 dez. 2009.

desenvolver o maior número possível de capacidades e melhoria da aptidão física.

> No segundo bloco, aparecem os esportes, jogos, lutas e ginásticas. Algumas são trabalhadas como forma de aprender regras para participação em campeonatos oficiais, outras aparecem como jogos na forma de brincadeiras infantis de modo geral, e por último encontramos as ginásticas que contribuem para um melhor equilíbrio das habilidades motoras (PCNs, blocos de conteúdos do Ensino Fundamental. I bloco. p.37).

Sabe-se que aprender habilidades motoras e desenvolver capacidades físicas faz parte da aprendizagem necessária de qualquer ser humano, mas isso não é o suficiente. Deve ser incentivado, nas aulas de EF, o esporte coletivo, pois ele faz com que o aluno aprenda os fundamentos técnicos e táticos de acordo com sua escolha, o que o ajudará também a aprender a organizar-se socialmente para praticá-lo, precisando conhecer e compreender as regras como um elemento que torna o jogo possível. O professor de EF que atua com a educação infantil e anos iniciais deve proporcionar experiências corporais das mais variadas possíveis, desde a mais tenra idade das crianças, partindo da ideia de que toda criança aprende algo, e por ter essa capacidade de aprender, ela se desenvolve.

> Em se tratando dos anos iniciais, há muita ênfase em estudos de processos relacionados à aquisição de habilidades motoras básicas, pois essas habilidades atuam como agentes facilitadores e essenciais na contribuição de conhecer o corpo no espaço, no esforço, através de uma diversidade de combinações propostas. A repetição desses exercícios converte-se em oportunidade de construir, continuamente, a habilidade motora (VALENTINI; TOIGO, 2004/2005, p. 28).

Pode ser cansativa, para a criança, a repetição, mas ela se torna fundamental para o equilíbrio da aprendizagem dessas habilidades durante os anos iniciais, cabendo ao professor usar criatividade e motivação na construção de suas aulas.

> No terceiro bloco, a ênfase se dá nas atividades rítmicas e expressivas, onde os conteúdos abordam a cultura corporal, que tem como característica comum a intenção de expressão e comunicação mediante gestos e a presença de estímulos sonoros como foco principal no trabalho do movimento corporal. São existentes na danças, brincadeiras cantadas e atividades que desenvolvam a expressão (PCN's, blocos de conteúdos do Ensino Fundamental. III bloco, p. 38).

Segundo esses Parâmetros, observamos que atualmente o esporte é o veículo mais utilizado como forma de difusão do movimento corporal nas escolas. Mais do que isso, somente algumas modalidades esportivas, tais como futebol,

basquetebol, handebol e voleibol, fazem parte do conteúdo das aulas de EF. Outras modalidades, como GA, atletismo e judô, raramente são difundidas entre os escolares dessa faixa etária. Não há mal algum nisso, desde que possam ocorrer oportunidades para conhecimento de outras práticas e o indivíduo tenha condições de optar. O que ocorre de fato é que até os alunos percebem a existência de outras possibilidades, mas estas não são veiculadas no currículo escolar, e sim em atividades extraclasse.

Oliveira expressa de maneira significativa que “é extremamente importante que o professor de EF entenda bem o que é criança, como ela se move como ela aprende e como manifesta suas emoções e sentimentos” (2007, p.41). Portanto, torna-se fundamental que o professor de EF consiga analisar a criança a partir dos três domínios: físico, cognitivo e sócio-afetivo.

Através desse discurso, observa-se a necessidade de organizar saberes e aproveitar o que de melhor foi construído até hoje na trajetória multifacetada da Educação Infantil. Ao mesmo tempo, lança-se o desejo de encontrar uma identidade própria implicada com a dimensão ampla do ato de educar, garantindo às crianças seus direitos ao bem-estar físico e psicológico, à expressão, ao movimento, à segurança, ao brinquedo e ao conhecimento. Nesse sentido, reafirmamos, sem dúvida: “o gesto escolar tem uma responsabilidade delicada” (COLOMBO, 2004, p. 253).

A partir desses domínios, deve-se viver e criar nos múltiplos espaços/tempos cotidianos nos quais estamos inseridos, ganhar e resgatar a importância da compreensão de como se formam “as redes de subjetividade que cada um de nós é” (LOPES & MACEDO, 2002 p. 89). Dentro desse contexto escolar, é preciso também que o aluno aprenda a interpretar e aplicar as regras, muitas vezes elaboradas por ele próprio. O respeito ao adversário deve ser sob a forma de companheirismo; o adversário não deve ser visto como um inimigo, pois sem ele não haverá motivação para a competição esportiva.

A atividade desenvolvida não pode ter o foco somente no “como fazer”, tendo apenas fim, em si mesma; sem significados e explicações para quem a pratica (por que e para que fazer?), pois isso poderá acarretar a desvalorização do profissional e da aula de Educação Física na escola. Deve-se romper com a ideia de que a aula de Educação Física é apenas o momento de brincar e jogar, enfatizando-se a oportunidade de conhecer, ensinar, analisar, avaliar, pesquisar e refletir que seus conteúdos proporcionam (OLIVEIRA, 1992).

1.2 A DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA TAREFA DE EDUCAR O CORPO E A MENTE PARA O MOVIMENTO

A EF tem como tarefa assumir responsabilidades na formação de cidadãos capazes de, no exercício de sua prática, situar-se criticamente diante das novas formas da cultura corporal de movimento. “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer*”* (FREIRE, 1996, p. 38).

A EF como componente curricular da educação básica, deve guiar o aluno à aprendizagem de conteúdos essenciais que fortaleçam o desenvolvimento de um estilo de vida ativo e saudável. Sendo que ele possa estar sempre em contato com o jogo, com o esporte, com atividades rítmicas e de dança, seguidas das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da relação corpo e mente (JEWETT; BAIN; ENNIS, 1995). Por isso ela torna-se fundamental como matéria do currículo escolar, podendo compreender que ela não pode ser vista como diferente dos demais componentes do contexto, mesmo que muitas vezes, apresente particularidades ou saberes que são próprios da área. Ter um programa educacional escolarizado que tenha como meta contribuir na área da construção de toda a personalidade da criança, incluindo no seu sistema como prioridade, as aulas de EF; já que ela exerce uma função importante na autonomia intelectual, nas relações sócio-afetivas, nas ações motoras e morais.

Segundo Neto (2001, p. 22-23):

> A capacidade do acesso à prática da EF no ambiente escolar é um direito que assiste a criança e ao jovem, como forma de apropriação dum elemento de cultura. Vários esforços tanto das escolas como dos educadores da área devem ser feitos para que existam:
> - Oportunidades para a prática organizada da EF;
> - As formas desejáveis de motivação que permitam níveis elevados de desenvolvimento das habilidades motoras;
> - Condições para que decorra adequadamente o processo ensino-aprendizagem;
> - Espaços, materiais e equipamentos adequados a características psicomotoras de acordo com cada idade.

A essência dessa proposta é a sua inteira relação pedagógica, na qual suas atividades e ações possam também propiciar em amplitude e intensidade, uma riqueza de conhecimentos sobre a necessidade de movimento e balanço que a

criança possui. Aqui, o movimento deve aparecer através de exercícios técnicos e ou repetitivos, para que haja uma compreensão de imagens melhor para a criança.

Após essa fase, a criança que no seu âmbito escolar, tiver contato com atividades de GA, poderá explorar o movimento de forma mais representativa, ou seja, ela pode através de ”materiais de pequeno porte”[6], criar exercícios e demonstrá-los através de símbolos, imagens imitando figuras de animais, histórias...Enfim, exercícios considerados como fator determinante para seu melhor desenvolvimento da atenção, percepção e do pensamento. Tendo como base buscar uma verdadeira construção do conceito sobre corpo, para que no futuro ela consiga entender a completa ação desse corpo em movimento e suas diferentes formas. “Toda a ação pedagógica deverá ter em consideração o desenvolvimento da criança em diversos domínios do comportamento (motor, cognitivo e afetivo-emocional) e em múltiplas situações de movimento” (NETO, 2001, p. 66).

A arte de educar deve ser vista não somente como um esporte-espetáculo, mas como forma do “saber fazer”, sendo o ponto inicial do ensino da educação física; que como tal, deve ser respeitado e valorizado. Portanto, a educação física apenas conseguirá a legitimidade no espaço escolar quando for capaz de definir e explicitar o que e como ensina, pois, enquanto não existir um discurso coerente e plausível, permanecerá nesse estado de marginalidade e diferenças (FREIRE, 2003).

> O comportamento motor é considerado o início essencial da motricidade humana, e ele torna-se adaptável à medida que apareçam momentos que provocam a capacidade do movimento já adquirida, de modo que diferentes estruturas de ação tenham que ser formadas para atender às exigências impostas pelo ambiente (TEIXEIRA, 2004, p. 77).

Para cada movimento, é preciso fazer uma análise e reflexão de como realizar tal ação. Isso vai exigir que se tenha atenção ao movimento, coordenação dos músculos, agilidade. Assim, estaremos iniciando um processo de desenvolvimento do equilíbrio das habilidades motoras. Quanto mais essas experiências motoras poderem ser vivenciadas pelas crianças, maior será o número de esquemas por elas construídos, o que proporcionará, pelas coordenações estabelecidas entre esses esquemas, o caminho para a construção de inúmeras e

[6] “Materiais de pequeno porte” são materiais que servem como base inicial para se trabalhar com GA no âmbito escolar, assim como: plintos, colchonetes, mini-trave, rampas, rolos, cordas, arcos, banco-sueco.

diferentes habilidades motoras: as operações motoras (PALMA & PALMA, 2008).

Educação Física: educar o corpo e mente para o movimento, com finalidade de alcançar indicadores que qualifiquem nosso sistema educacional dentro do contexto escolar. Existem vários tipos de movimentos, entre eles: conduzido, estirado, molejado, balanceado, de insistência – enfim, o movimento se manifesta através de uma ação corporal. Podemos encontrar todos esses tipos de movimentos em jogos, lutas, ginástica, dança. Mas, infelizmente, as escolas parecem conhecer apenas o esporte com bola como a única aprendizagem nas aulas de EF.

Apesar de a EF haver lançado mão de um amplo leque de objetivos, como desenvolver o sentimento de grupo e a cooperação, permanece na escola tão somente a aprendizagem do esporte, ficando a ginástica e a corrida, por exemplo, como simples aquecimento, além de os jogos populares terem sido transformados em “jogos pré-desportivos” (BRACHT 1992).

Essa é uma constatação preocupante que deve ser percebida pelas instituições escolares, já que os próprios PCN’s confirmam a importância de a criança experimentar diferentes formas de movimentos esportivos durante sua fase escolar. O desporto parece ser o conteúdo dominante na EF. Sentidos como o expressivo, o criativo e o comunicativo, que se manifestam em outras atividades de movimento, não são explorados quando o conteúdo escolar é apenas o esportivo (KUNZ, 1989).

Essa situação tem suas razões históricas, nem sempre lembradas. Tendo como marco histórico a Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra, primeiramente, e espalhando-se a partir de 1850 para outros países da Europa e América, pode-se dizer que a EF inglesa, diferentemente de outros países, não possuía um caráter militar de disciplina e treinamento. Assim, a contribuição maior desse país foi a do esporte.

Com a ascensão da classe média ao poder político e à influência social, houve uma reivindicação maior de privilégios educacionais, o que foi muito importante para o desenvolvimento e proliferação dos jogos esportivos. Inicialmente praticado pela aristocracia, o esporte passou a ser praticado também pela classe média, inclusive com a criação de clubes e associações esportivas. Sua expansão deu-se, então, em quase todo o mundo, a partir do final do século XIX (BETTI, 1991).

Essas considerações demonstram que, apesar da forma como o esporte é

trabalhado nas escolas, ele ainda é hegemônico no ensino da EF, ou seja, a cultura predominante na escola é a cultura esportiva (BETTI; 2002). Fica, assim, um déficit no equilíbrio corporal dos alunos. Sabe-se que professores precisam adquirir uma nova forma didática de administrar suas aulas, abordando a teoria (cognitiva, social e cultural) juntamente com a prática. Com isso, reforço que novas propostas pedagógicas devem ser analisadas no contexto escolar, entre elas, a introdução de novas modalidades esportivas, como a GA, lutas, danças e atividades gímnicas expressivas.

A ginástica nesse contexto pode ter um papel importante como instrumento com capacidade de atingir esses objetivos. Acredita-se que o método ginástico possa recuperar e colaborar na formação de cidadãos, visando sua saúde física e mental.

> Quando a experiência motora dos aprendizes não é diversificada e fica restrita a um pequeno número de jogos recreativos e partidas de futebol, a possibilidade de aprender novas habilidades deixa de fazer parte do cotidiano das crianças. A limitação das experiências prévias cria nas crianças uma resistência a situações que promovem o aprendizado de novas habilidades (VALENTINE & TOIGO, 2004/ 2005, p. 44).

A GA quando inserida no programa curricular, visa a trabalhar de uma maneira lúdica e prazerosa, com ou sem música, proporcionando uma maior variabilidade de movimentos, segurança e adaptação às regras básicas como forma de brinquedo. “Olhando por esse prisma, sinto o quanto é importante o resgate ao valor das aulas de educação física, de forma que a criança sinta prazer em realizar as atividades, onde o olhar da escola seja focado realmente para elas” (VOLPATO, 2002, p. 83).

Através dessas modalidades esportivas, faz-se com que a capacidade do ser humano seja constantemente testada para o desafio das atividades propostas, cujo objetivo aparece na forma de estimular o aluno a caminhar na busca de superar a si próprio. A capacidade de criar aproximações epistemológicas entre as ciências humanas, naturais e a filosofia poderá colaborar com a educação para que esta admita a polissemia do corpo e a necessidade de resgatar o diálogo entre as áreas do conhecimento, superando a quebra de paradigmas dos saberes e do próprio sujeito em corpo e mente.

A partir da prática dessas atividades gímnicas mais frequentes, podemos

obter um resultado positivo no desenvolvimento do equilíbrio das habilidades motoras e, no sentido mais amplo, um preparo aos desafios e quedas que a vida nos reserva. Ao educador, cabe a função de colocar essa modalidade no mais alto degrau na vida da criança e do jovem, sem esperar recompensas, doando-se nessa viagem dos ensinamentos, da ação, do diálogo, do desejo e do **amor**[7] ao ser humano.

Para Brandão, se o afeto do amor que se vive, também se aprende a viver; um dos principais lugares em que isso deveria prevalecer é na educação, que se comparte na escola, priorizando o diálogo como instrumento do educador. “Um abrir-me ao ser, ao viver, aos sentimentos, às palavras e ideias do outro-diante-de-mim, e conviver com ele um momento de partilha gratuita e generosa da experiência de criar saberes, isto é, de aprender” (BRANDÃO, 2005, p. 47).

> A esse ato de ampliar nosso domínio cognitivo reflexivo, que sempre implica uma experiência nova, só podemos chegar pelo raciocínio motivado pelo encontro com o outro, pela possibilidade de olhar o outro como um igual, num ato que habitualmente chamamos de amor – ou, se não quisermos usar esta palavra tão forte, a aceitação do outro ao nosso lado na convivência (MATURANA & VARELA apud BRANDÃO 2005, p. 263).

É preciso um pouco mais de crença, determinação, motivação, amor sob forma de gestos e palavras, acreditar sem desistir, praticar a arte de ensinar, de repassar o conhecimento, de aprender a ensinar e a ensinar aprendendo. A educação faz-se em tornar a aprendizagem uma arte, (re)pintando, (re)moldando, trocando sempre as cores, dando-lhes vida, semeando sem deixar desvanecer.

A beleza que envolve a plasticidade dos movimentos é o que realmente encanta as pessoas ao visualizar a GA. Então, “a beleza do esporte está no bailado dos gestos, em que corpos valem como estrelas e movimentos das mãos e de pés que dançam com o universo inteiro” (BRANDÃO, 2005, p. 102).

---

[7] No seu livro “**Aprender o Amor”** sob um afeto que se aprende a viver, Brandão (2005, p. 19), cita a descrição do significado da palavra **“Amor”** por um autor de sua grande admiração, Maturana.

2 OS USOS DO TERMO GINÁSTICA ARTÍSTICA E SUA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

Ginástica, como atividade, existe aproximadamente há 2000 anos, mas, como esporte competitivo, há pouco mais de 100 anos. Por volta dos anos de 1800, existiam apresentações coletivas e individuais organizadas por clubes, escolas e organizações étnicas. A origem da GA remonta há muito tempo. O termo “ginástico” existe há milhares de anos, como uma ginástica educativa, de formação do corpo, conhecida também com o nome de “educação física” ou como “ginástica terapêutica”, que se praticava nas antigas civilizações para manter e melhorar a saúde (MEURET, 1985).

Os termos “ginástica”, “esportes” e “educação física” confundem-se, frequentemente, na linguagem de diversos filósofos e pedagogos. A própria natureza conduz o homem ao movimento, fazendo-o dominar seu corpo, o que o leva à ginástica natural. Alguns evocam a acrobacia praticada em todas as épocas no mundo inteiro. Essas atividades também podem ser observadas entre os chineses e nas experiências dos egípcios, e há vestígios na América do Sul. A importância da antiguidade grega é admitida por todos, não podendo ser ignoradas as teorias de Platão, de Aristóteles ou de Galeano, entre outros sábios (MEURET, 1985).

O termo “ginástica olímpica”, conhecido e mencionado anteriormente, foi homologado no Brasil pela Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) em 16/03/1979. Com o passar dos anos, novas ginásticas vieram a fazer parte do contexto dos Jogos Olímpicos, entre elas: ginástica rítmica e ginástica de trampolim acrobático. Com isso, a CBG teve que mudar a nomenclatura de “ginástica olímpica” para “ginástica artística”, pois “ginástica olímpica” engloba todas as modalidades que compõem os jogos olímpicos. Essa mudança aconteceu em 2007, às vésperas do maior evento esportivo já realizado no Brasil, os “Jogos Pan-Americanos”, quando o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) orientou a todos os Estados que usassem a nomenclatura universal.

As bases pedagógicas da ginástica foram aparecer a partir do século XVIII, através dos autores Jean Jaques Rosseau (filósofo genovês, 1712-1778) e o maior e o mais audacioso inovador do domínio da EF, o pedagogo suíço Jean-Henri

Pestalozzi (1746-1827), que introduziu os exercícios da ginástica em sua escola, e Jean Bernard Basedow (1723-1790); nascido na Alemanha, onde fundou um ginásio em 1723. No final do século XVIII, surgiram os criadores da ginástica moderna, citando-se, entre eles, Johann-Cristoph Guts Muths (1759-1839) (PUBLIO, 1998).

Iniciada por Basedow e Guts Muths, a ginástica desenvolveu-se na Alemanha. A Guts Muths cabe a gloria de dar à ginástica os primeiros passos pedagógico-didáticos, constituindo a base sistemática que serve de fundamento à ginástica educativa. Johann-Friedrich-Ludwig-Cristoph-Jahn, precursor da ginástica (1779-1852), denominado “Pai da ginástica” (Turnvater), filho de um pastor protestante, nasceu em Lanz, uma aldeia de Brandemburgo (Norte da República Democrática Alemã-RDA), em 11 de agosto de 1778; momento sublime em que a Rússia atingia o seu apogeu. De seus nomes, adotou e ficou como Friedrich. Em 1809, atuava como professor auxiliar, em Berlim, e pregava ao pé da letra o que já havia escrito:

> Caminhar, correr, saltar, lançar, sustentar-se, são exercícios que nada custam, que podem ser praticados em toda parte, gratuitos como o ar. Isso o Estado pode oferecer a todos: para os pobres, para a classe média e para os ricos, tendo cada um sua necessidade (PUBLIO, 1998, p. 25).

Inventor do termo “*Turnen*” (Praticar Ginástica durante a infância)**,** destaca principalmente a importância da ginástica para a formação pessoal do adulto, pois serve como base para que este tenha mais disponibilidade e assuma uma posição de escuta de uma perspectiva mais ampla das habilidades no mundo infantil. Os diversos modos de locomoção, como saltos, equilíbrio, corridas e combinações, são pontos de insegurança iniciais. Ele propôs um modelo que considera e respeita as diferenças individuais de crescimento e liberdade, tendo em vista que cada criança cresce e amadurece em velocidade e tempos diferentes. O *turnen* de Friedrich Jahn tinha também um objetivo moral. Autoconfiança, autodisciplina, independência, lealdade e obediência a uma ordem estabelecida, eram as metas a serem atingidas por meio de atividades completas e informais (PUBLIO, 1998).

Segundo Friedrich Jahn, praticar ginástica, para a criança, significa desenvolver as habilidades motoras, partindo da ideia de explorar o próprio corpo para, somente depois, passar para o uso de aparelhos. Para ele, o estudo das habilidades motoras, na primeira infância, depende da observação em que se

percebe a dificuldade de realização frente a uma criança, sem lhe atribuir os sentimentos ou a intenção do observador. Friedrich Jahn explora muito bem esse caminho do brincar, pois, a cada movimento que fazemos, podemos dar um toque lúdico, desde o caminhar – criar diferentes tipos de caminhadas: lenta, rápida, passos pequenos ou passos largos. Enfim, para todo movimento, existe uma forma de torná-lo prazeroso (NUNOMOURA & PICCOLO, 2005).

Como adultos e educadores, temos não só um papel importante, mas um dever para com a criança, que, através do seu nascimento, vem ao mundo buscando por esse auxílio para poder realizar tudo que traz com ela como faculdades inatas que terão um papel fundamental no seu futuro. Em sua grande obra *Die Deutsche Turnkunst*, Jahn (1998, p. 4) relata como tudo aconteceu:

> Tudo com muita discrição nasceu da natureza dos garotos, do seu instinto por invenção e atividade. Em poucos anos, os aparelhos, exercícios e interesses cresceram em proporções inacreditáveis. Toda a nação tornou-se interessada. Quando pedidos de material começaram a vir, de todas as partes do País, um conselho foi criado para examinar o material[8].

Uma das motivações de Jahn em sua obra foi seu forte amor pelas raízes alemãs: suas terras, seus costumes, seu idioma, seu dialeto e o caráter de povo; seu “teutônio” conceito de vida (audaz, extraordinariamente forte e guerreiro). Em 15 de outubro de 1852, morre em sua casa em Freyburg. Jahn era um disciplinador por natureza. Desde 1952, na última semana de agosto de cada ano, ginastas de toda a Alemanha iniciam o Friedrich Ludwig Jahn in Memoriam, no estádio que tem o seu nome, na cidade de Freyburg. Para alguns alemães, Jahn permanece como um herói confiável e legendário do passado (PUBLIO, 1998).

2.1 ALGUNS INDICADORES DA CONSTRUÇÃO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA NO BRASIL

Iniciada por Friedrich Ludwig Jahn, é difundida pelo mundo em virtude do

[8] A arte da ginástica. O livro mostra um relatório teórico do que Friedrich Jahn executou como experiência na prática na floresta de Hasenheide. Evolução histórica da ginástica olímpica.

"Bloqueio Ginástico"[9] (1820-1842), na Alemanha. Teve seu início no Brasil, no Rio Grande do Sul, com a colonização alemã, em 1824. A prática da ginástica preconizada por Friedrich Jahn fez aparecer muitas "sociedades de ginástica" (Turnverein)[10], sendo uma delas a chamada Sogipa, verdadeiro berço da GA nacional. Há, ainda hoje, grande número dessas sociedades em todo o Estado: São Leopoldo, Novo Hamburgo, Estrela, Santa Cruz do Sul, Ijuí, Porto Alegre. Essas outras sociedades foram nacionalizadas segundo o Decreto-lei número 383, de 18 de abril de 1938. Em 1942, foi fundado o Departamento de Ginástica na Federação Atlética Rio Grandense (FARG), que originou, 20 anos mais tarde (1962), a fundação da Federação Rio-grandense de Ginástica (FRG), sendo o Rio Grande do Sul, o primeiro Estado a iniciar oficialmente a prática da GA no Brasil (PUBLIO. 1998).

Em 1951, iniciaram-se oficialmente os Campeonatos Brasileiros de GA, organizados e dirigidos pelo conselho de Assessores de Ginástica da Confederação Brasileira de Desportos (CAG-CBD). Em 25 de novembro de 1978, em Assembleia Geral, o Estatuto da CBG foi aprovado pelo Conselho Nacional de Desportos (CND) e homologado pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC), com o parecer número 13/79, que foi publicado no Diário Oficial da União em 19 de março de 1979.

Um nome que não podemos deixar de citar na GA brasileira é Antônio Boaventura da Silva[11], considerado o precursor que realizou um dos melhores trabalhos em prol do desenvolvimento da ginástica de base. Professor por vocação e apaixonado pela GA, procurou sempre lhe dar ênfase, com dedicação e entusiasmo, como praticante e como profissional, a fim de contagiar alunos e instituições em que colaborava. Ampliando sua trajetória em direção a tarefas de maior responsabilidade quer como técnico qualificado e dirigente respeitado, em nível estadual e nacional; quer como membro e presidente da Federação, Confederação e Conselho de Assessores de Ginástica.

No Brasil, a GA evolui em direção à educação física, pois, a partir de 1979,

---

[9] A prisão de Jahn de 1819 a 1825, "o pai da ginástica" foi recluso a uma residência forçada, desaparecendo de cena, mudando-se para Freyburg de Unstrut. Sua prisão foi uma explosão para o movimento *turnen*. Seu engajamento por demais político, bem como sua ginástica originou o "Bloqueio Ginástico"na Alemanha, de 1820 a 1842, ocasionando a emigração de muitos ginastas alemães que difundiram a ginástica para o mundo inteiro.

[10] Idioma estatutário alemão. Deutscher Turnverein, depois Turnerbund, hoje Sogipa. Fundada em meados do século XIX até 1930.

[11] Professor Antônio Boaventura da Silva: Idealizador dos cursos internacionais de GA no Brasil. Introduziu a disciplina GA no currículo da Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo.

despertou o interesse de professores de EF. A partir da década de 80, houve uma desconstrução de alguns profissionais da área, no sentido de admitir o despreparo de muitos, o que pouco contribuiria na formação escolar. Segundo Schiavon e Piccolo, as diferentes pesquisas realizadas apontam o desconhecimento sobre como aplicar GA como a principal razão apresentada pelos professores, mostrando suas dificuldades em visualizar essa modalidade esportiva, além de uma perspectiva competitiva (2007, p. 132). Com isso, muitos estudos ainda estão sendo feitos e levados às escolas como forma de repensar essa prática pedagógica dentro de um modelo de construção da cultura corporal, com a finalidade de legitimar essa prática nos diferentes ambientes escolares, dando ênfase na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

Com base nesse contexto histórico, retratando a diversidade de exercícios que a GA proporciona à criança, voltamos a lembrar a linguagem poderosa e inspiradora do nosso Fiedrich Jahn (1998, p. 43), citado anteriormente como o inventor do termo "*Turnen*", no qual descreve o verdadeiro sentido dessa palavra:

> O Turnen deve recuperar o equilíbrio perdido da educação humana deve adicionar a um intelectualismo unilateral a verdadeira base física e estabelecer para o homem uma precaução contra o super-refinamento. Unindo corpo e mente, nós objetivamos criar um ser completo e jovial, já que o homem nesse mundo necessita, para sua existência, um corpo (físico) que se degenera em uma sombra, a menos que seja treinado em força, resistência, habilidade e agilidade. Turnen deve ser a parte principal da educação humana. Parece incompreensível que a arte de preservação do corpo humano, ou a ciência de proteção contra a degeneração, tenha sido quase esquecida. Para ter um valor duradouro, deve formar um vínculo com as aspirações e sentimentos das pessoas. Além disso, Turnen só pode prosperar entre pessoas independentes, indivíduos livres. O corpo de escravos é somente uma prisão para a alma humana.

"Turnen", segundo Jahn (1998), significa "em qualquer lugar, virar, dar meia volta, torcer, mexer, comandar, manobrar ou um grande desejo de movimento".

Nos últimos anos, a GA brasileira disparou em relação em nível técnico. Isso aconteceu em virtude da demanda de treinadores estrangeiros que vieram a fazer parte do contexto nacional. No início, foi bastante difícil adaptar seus costumes aos de nossos ginastas, pois o regime militar de treinamento e a falta de diálogo causaram perda, durante esse caminho, de muitos atletas julgados como potências futuras. Por outro lado, o alto grau de conhecimento dos treinadores fez com que a GA brasileira fosse reconhecida em nível mundial. Alguns de nossos ginastas

fizeram seu nome subir ao mais alto degrau do pódio, estando entre eles; Diego Hipólito e Daiane dos Santos. Com eles, também vieram as bases pedagógicas de cada elemento acrobático; diferentes métodos, servindo de referência para muitos treinadores e professores atuantes em escolas. Desde então, foram realizados muitos cursos, desde os primeiros passos até o alto rendimento.

É claro que, quando falamos da falta de experiência de profissionais, nos esquecemos de relatar o desinteresse de muitos em procurar se atualizar. Se a EF escolar está passando por dificuldades, é importante ressaltar que cabe ao professor ou ao treinador participar de eventos dos quais cada um possa tirar proveito para realizar esse trabalho pedagógico de acordo com a sua turma de escola ou equipe de ginástica. Voltando ao contexto escolar, é imprescindível que o professor acredite em poder mudar e que realmente tenha disposição e coragem de criar um novo currículo que vise a atender às necessidades dos novos grupos que hoje estão presentes em nossas escolas (CBG, 2006).

2.2 A ARTICULAÇÃO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA COM O CURRÍCULO ESCOLAR

A GA é uma modalidade em que a criança tem a oportunidade de vivenciar vários exercícios, em diferentes posições e movimentos em que a atenção e concentração se tornam necessárias. Dentro da sua estrutura, podemos perceber diversos atributos comuns a todas as modalidades esportivas. Os movimentos encontrados e executados nesse tipo de atividade contribuem para um melhor desenvolvimento do equilíbrio, principalmente da parte fisiológica nervosa e muscular do corpo humano, desde a fase infantil, perdurando até a fase adulta. Dentro da modalidade de GA, a criança passará por um processo de várias descobertas, entre elas, a conquista de envolver o próprio corpo, combinando exercícios que, de certa maneira, irão fazê-lo desafiar as leis da gravidade.

Os exercícios vão desde os mais simples aos mais complexos, mas cada um tem sua riqueza no perfil de melhorar as habilidades motoras das crianças. Os meios de locomoção são os mais diversos possíveis, como: saltos, equilíbrio, corridas e combinações, tornando-se fundamentais para a aprendizagem desses alunos; já que nessa fase se inserem os medos e a insegurança, principalmente nos

anos iniciais (KAREN, 2004).

A repetição dos movimentos tem aspecto fundamental na aprendizagem, pois a diversidade de exercícios que aparece na GA completa e concretiza a ação pedagógica que o programa escolar deve contemplar.

Ainda que apareçam todas essas possibilidades no âmbito escolar, percebem-se, a partir das práticas educativas, dificuldades quanto a sua consolidação na área de conhecimento e quanto à assimilação por parte de muitos professores que atuam na Educação Básica. A esses professores, segundo Freire (1996, p. 30), “falta uma intimidade entre os saberes curriculares e, principalmente, uma fundamentação teórico-metodológica capaz de orientar sua prática pedagógica”.

Reforçando a proposta dos PCN’s, que traz como referência a diversidade que as crianças apresentam em relação às competências corporais, outro aspecto a ser considerado na organização das atividades deve ser essa mesma diversidade, valorizando as diferenças. Devem-se distribuir, ao longo do planejamento, atividades com ênfase nas capacidades de equilíbrio, força, velocidade, coordenação, agilidade e ritmo de forma equitativa, ou que exijam que diferentes habilidades sejam colocadas em prática, para que o professor possa viabilizar e valorizar as características individuais de cada um. Podemos observar, dentro desse discurso, o quanto as valências físicas são importantes no desenvolvimento das habilidades motoras da criança e o quanto as escolas devem procurar realizar esse trabalho em seus projetos pedagógicos.

A luta do professor por uma mudança deve ser incansável. Lembrando as palavras sábias de Freire (1996, p. 79), “mudar é difícil, mas é possível”, pois a mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho. A GA tem uma importante função nessa proposta, já que ela engloba todas as valências, pois sua diversidade de exercícios é muito extensa. As principais valências nessa etapa do desenvolvimento infantil, as quais a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental devem se preocupar em trabalhar nas aulas de educação física são: flexibilidade, velocidade, agilidade, lateralidade, resistência, força, equilíbrio, estruturações espacial e temporal, disciplina, socialização e coordenação dos movimentos corporais.

Através da GA, podemos realizar essas tarefas dispondo de alguns materiais

básicos, adaptados para a realidade da escola e de baixo custo, proporcionando aos praticantes uma complementação na sua formação psicomotora. São estabelecidas, assim, atividades que envolvem movimentos corporais variados, criando-se uma percepção corporal e espacial para a qualidade de vida, de modo que a criança possa ter oportunidade e estímulo de experimentar o desafio.

É importante salientar que nessa fase é que ocorre a propagação das habilidades motoras fundamentais, que são padrões observáveis de comportamento (GALLAHUE; OZMUN, 2001). Nessa fase denominada crítica, é preciso ter muita sensibilidade, pois as mudanças que nela aparecem tornam-se fundamentais ao futuro do indivíduo. A assimilação dessas habilidades é essencial para o desenvolvimento motor das crianças em um estágio mais avançado, reforçando sua inclusão na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

Qual a criança que não gosta de pular, virar cambalhotas e estrelinhas, pular em uma cama elástica ou virar de cabeça para baixo? Ao mesmo tempo em que a GA requer atenção, disciplina, ela também enfatiza o lúdico no equilíbrio educacional da criança.

Se, para Jahn (1998), o homem só se torna completo quando brinca, eis mais um motivo que mostra como a ginástica pode colaborar nessa construção. Através desse trabalho no processo formativo, podemos perceber que a criança que apresentar condições de vivenciar essa modalidade nas aulas de EF, conseguirá superar com segurança dificuldades surgidas durante sua trajetória de vida e, assim, assumirá atitudes responsáveis e condutas de conquista dos limites antes estabelecidos. Então, um grande desejo de satisfação é atingido, e é quase irreprimível saltar de alegria (CARRASCO, 1982).

Lembrando sempre que a criança não é um adulto em miniatura, nem todas têm a mesma evolução e nem se desenvolvem do mesmo modo. Cada uma tem um ritmo próprio para chegar à maturidade, que a transformará em um adulto diferenciado e muito mais seguro em seus movimentos contínuos diários. O aprendizado de um gesto novo é uma reorganização progressiva de estruturas funcionais estáveis organizadas anteriormente, implicando a noção de construções sequenciais para o enriquecimento progressivo (CARRASCO, 1982).

A GA é reconhecida por seus movimentos ginásticos, acrobáticos e coreográficos e também por seus aparelhos. No feminino, temos as barras assimétricas, o solo, a mesa de salto e a trave de equilíbrio. No masculino, repetem-

se o solo e a mesa de salto, acrescidos das barras simétricas, cavalo com alças, argolas e barra fixa. Uma de suas relevâncias para as aulas de EF são as diversas maturações que desenvolve, entre elas:

- **Motora:** conhecer o próprio corpo e suas partes dentro do espaço;
- **Física:** atividades que apontem o uso de posições de corpo e variedades de posturas;
- **Perceptiva:** consciência corporal (conhecimento das partes do corpo), consciência espacial (conhecimento do próprio espaço geral e restringido);
- **Cognitiva:** deve ser simples, específica e estar enfocada diretamente aos objetivos;
- **Psicossocial:** oferece à criança segurança e *status,* por meio de desenvolvimento do conceito de si mesma; estabelecendo o positivo, ensinando, ressaltando o intenso êxito, e não o intenso fracasso (AGE GROUP DEVELOPMENT PROGRAM)[12].

Para essas maturações que a ginástica propicia, torna-se fundamental a sua prática nas aulas de educação física nas séries iniciais, tendo em vista que a participação futura em esportes e atividades de movimentos que enriqueçam a qualidade de vida depende desses exercícios em níveis moderados e vigorosos durante a infância.

Segundo Piaget (1980, p. 28):

> A chamada “criatividade” (e a criatividade é a aspiração máxima dos educadores que repelem a reprodução) está sempre ligada ao nível de desenvolvimento. (“Ninguém é obrigado a fazer o que não pode”, diz o adágio popular). E se houve “criatividade”, houve espontaneidade. (Criar é uma combinação livre dos esquemas de ação motores, verbais e mentais).

Valentini e Toigo apontam que é de fundamental importância, que o “professor conheça diferentes propostas metodológicas construídas ao longo dos anos do ensino da EF”. Para existir uma evolução como área de conhecimento, para ter sua importância reconhecida, elas acreditam ser necessário “o desenvolvimento de novas metodologias por parte desses professores que estão inseridos na prática” (2004/2005, p. 31).

[12] *Fédération Internationale* de *Gymnastique. Age Group Development Program*, 1995.

> Assim, a presença da ginástica no programa [de Educação Física] se faz legítima na medida em que permite ao aluno a interpretação subjetiva das atividades ginásticas, através de um espaço amplo de liberdade para vivenciar as próprias ações corporais. [...] A abordagem problematizadora, anteriormente exemplificada, assegura a globalidade das ações das crianças e a compreensão do sentido/significado da própria prática (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 78).

A GA, no contexto da EF escolar, deve ser pensada como um tema no qual se insere a chamada cultura corporal, como citado anteriormente; por isso, suas estruturas devem ser tratadas, experimentadas, conhecidas, problematizadas e transformadas. Se “o professor conseguir explicar determinado tema, no caso o da ginástica, o movimento extraído de um território familiar ao aluno, ele pode facilitar a compreensão desse tema novo ou movimento ainda inexplorado” (PICCOLO, 2005, p. 134). Dentro das estruturas pedagógicas, cabe reforçar a importância que o professor deve carregar ao longo do seu exercício, que é possuir a capacidade de claridade nos seus ensinamentos. “Porque ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47).

Por isso, cabe a cada um de nós, educadores(as), um momento de reflexão, pois a educação não vive o presente, ela promete para um futuro que não cabe a ela resolver. Ela deixa no ar a esperança de um discurso que seja construído em cima da verdade, da sensibilidade, da reciprocidade e da criatividade do ser humano.

2.3 AS CONTRIBUIÇÕES DA GINÁSTICA ARTÍSTICA ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO DA CORPOREIDADE DA CRIANÇA

Antes de discorrermos sobre esse capítulo, é importante trazer para o leitor o conceito da palavra corporeidade para uma melhor compreensão do texto. Corporeidade é a maneira pela qual o cérebro reconhece e utiliza como instrumento relacional com o mundo (OLIVER, 1998).

A essência de nosso corpo torna-se significativa através da nossa presença no mundo. É com ele que temos a capacidade de falar, ouvir, enxergar, expressar, perceber e sentir tudo ao nosso redor. Ser corpo é poder explanar nossas possibilidades com energia para que ao longo do tempo possamos obter uma

qualidade melhor de vida e expressão. A criança aqui aparece como um ser extremamente deslumbrante, pois sua expressão independe da escrita ou da fala; seu gesto, seu olhar muitas vezes nos dizem tudo, seja um sentimento de tristeza ou de alegria. A criança é rica por sua espontaneidade. “A esta capacidade de o indivíduo sentir e utilizar o corpo como ferramenta de manifestação e interação com o mundo chamamos de corporeidade” (OLIVER, 1998, p. 50).

Para cada indivíduo a corporeidade evolui de acordo com a idade. Segundo Oliver: “A qualidade da corporeidade depende como em todas as funções neurológicas, da qualidade e desenvolvimento das relações neuronais estabelecidas entre as áreas sensoriais e motoras do cérebro” (1998, p. 60). O autor ainda ressalta que o ideal dessas relações aconteça durante o período da infância, que é o período em que a criança começa a desenvolver seu treinamento corporal. Esse treinamento precisa ser estimulado desde os primeiros passos oferecidos a essa criança. Nesse caso, se desde a fase dos recém-nascidos esses movimentos não forem estimulados, poderá existir uma tendência dessa criança de vir a ter um desenvolvimento mais limitado em relação ao outro que foi estimulado desde seus primeiros anos de vida. O ponto alto de vida que cada criança constrói a cada dia é declarado dentro da sua diversidade de movimentos criativos que seu corpo proporciona.

A educação, ao se pautar nos pressupostos da pós-modernidade, tenta instituir códigos morais que ditam as condutas e reprimem as possibilidades de expressão do corpo, estabelecendo um distanciamento entre a aprendizagem e as vivências do sujeito (JUDITE, 2009). Por isso, para uma melhor otimização do aprendizado, é preciso que o professor de EF reflita sobre o contexto que será abordado e estruturado durante suas aulas.

Em cima desse discurso reforça-se a GA como um dos meios facilitadores nesse resgate ao movimento de uma forma lúdica e satisfatória. A GA também pode ser uma das ferramentas para o desenvolvimento da corporeidade, pois durante as atividades propostas com materiais básicos, a criança pode mudar completamente o referencial do espaço, contribuindo assim como um estímulo para as áreas cerebrais responsáveis pela coordenação motora e o equilíbrio. Aqui, é fundamental o estímulo e a motivação dada pelo professor. A criança, por si só, carrega em sua natureza a motivação para a atividade física.

O processo de aprendizagem é desencadeado pela motivação e, ao mesmo

tempo é responsável pelo nível em que essa se processa (COLL, 1994). O verdadeiro sentido e o real significado da aprendizagem escolar alcançam o ponto alto de acordo com o nível de comunicação que o professor estabelece com as crianças, independente da metodologia (FALCKEMBACH, 1999).

Através da linguagem do movimento podemos evidenciar uma melhor comunicação, criatividade e expressão dos sentimentos; interagindo melhor com o meio físico e social. O professor deve estruturar suas aulas de acordo em que ele possa favorecer as relações no âmbito da comunicação, contribuir para a exploração corporal e proporcionar atividades que visem o vivenciamento simbólico entre os participantes.

A GA, vivenciada na educação infantil e nos anos iniciais pode elevar as oportunidades efetivas no desenvolvimento de níveis básicos de capacidade no que se refere ao desempenho das habilidades motoras consideradas fundamentais na infância. Para Judite (2009):

> Pensar o corpo na educação em geral e na escola em particular é inicialmente compreender que o corpo não é um instrumento das práticas educativas, portanto, as Produções humanas são possíveis pelo fato de sermos corpo. Ler, escrever, contar, narrar, dançar jogar, praticar ginástica são produções do sujeito humano que é o corpo. Desse modo, precisamos avançar para além do aspecto da instrumentalidade. O desafio está em considerar que o corpo não é instrumento para as aulas de EF, ou ainda um conjunto de sistemas, ou objeto de programas de promoção de saúde ou lazer. A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas propostas nos currículos e viabilizados por todas as disciplinas[13].

Na GA aparecem diversas experiências, nas quais as habilidades motoras proporcionam às crianças, uma grande vivencia dos elementos gímnicos. Isso faz com que naturalmente desfrutem dos movimentos corporais de maneira espontânea, sem que haja cobrança de perfeição.

Essa atitude poderá abrir em nossos olhos a criança que ainda existe dentro de nossos corações, e assim desfrutar do ensejo de melhor compreender a criança que com inocência e confiança agarra nossas mãos.

Como desde a infância, fui apaixonada pela prática desportiva e por ela, tornei-me educadora, creio que poderá haver uma abrangência expressiva nas descobertas científicas alcançadas até o momento em relação à criança, se à luz do

[13] RODRIGUES, Judite F. **Corporeidade e Aprendizagem:** Uma relação política-pedagógica. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/14042/1/CORPOREIDADE-E-APRENDIZAGEM/pagina1.html> Acesso em: 29 dez. 2009.

horizonte buscarmos essa criança que para muitos educadores, permanece adormecida. Cada educador deve fazer uma desconstrução de seus ensinamentos e resgatar através de suas práticas vividas, uma total abertura para novas aprendizagens, nas quais diversas experiências educacionais possam ser empregadas nas salas de aula. Pois, para o educador significa *construir,* reconstruir, *constatar para mudar*, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito (FREIRE, 2003, p. 69).

A descrição de uma criança pressupõe pureza e a ingenuidade, na qual uma combinação de sentimentos aparece como: espontaneidade, amorosidade, ternura, o abraço repleto de afago, misturado com suas inquietudes formas de expressar movimentos: saltitando, rolando, correndo, equilibrando-se em muros. Descobrindo aquilo que lhe é estranho, o que não conhece, apesar de suas capacidades ainda lhe serem limitadas procura explorar novos movimentos, descobrindo em cada etapa o conhecimento do seu corpo no tempo e no espaço.

O educador deve estar atento ao bem-estar corporal da criança, criando estágios que lhe permitam agir com segurança, nos quais a finalidade seja a de conseguir finalizar sua tarefa sem dificuldade. “Dispõe de uma verdadeira memória do corpo, carregada de afetividade e orientada também pelo afeto depende de suas experiências vividas anteriormente com sucesso e valorizadas pelo adulto”. (BOULCH, 1982, p. 89). Um dos grandes desafios do educador é através de sua ação educativa na educação infantil e anos iniciais, conseguir desenvolver esta espontaneidade acomodada no âmbito escolar.

A GA aplicada na escola vem com um significado muito especial como: o de observar, vivenciar, apreciar, compreender, afrontar, interpretar, problematizar, compartilhar, enfim, aprender as inúmeras explanações da ginástica para no futuro, com base nesse aprendizado, buscar novos caminhos e criar novas probabilidades de expressão gímnica.

A carência de exercícios na infância poderá ocasionar fortemente seu aprendizado. O educador deve levar a criança a tomar consciência de seu corpo, de suas possibilidades físicas, do mesmo modo como a levamos em aula, a tomar consciência de suas possibilidades de pensamento e expressão, oportunizando técnicas liberadoras, e isso deve iniciar desde a educação infantil e se estender nos anos iniciais (BOULCH, 1982). Faz-se necessário propor atividades educativas em que a criança seja desafiada, pois isso irá colaborar na sua aprendizagem.

> Em um ambiente de conquistas, que desafia aprendizes em suas potencialidades, os aspectos não-familiares da tarefa são vistos como desafiadores e são valorizados por promoverem base para aumentar o entendimento dos aprendizes (BOULCH apud BROPHY, 1982, p. 149).

Quando colocamos a criança diante de espaços naturais, notamos uma mudança bastante significativa em seu comportamento e atitudes, ficando evidente que isso ocorre pelo prazer de desfrutar a liberdade. O ser humano precisa desses prazeres e desafios durante a infância. Pois, ao saltar por sobre um obstáculo, a criança irá precisar de atenção e coragem, uma queda sob determinado aparelho, ou sem obstáculo algum trará em seu pensamento o sentimento da dor e com isso aprender a lutar com a derrota e seguir em frente para a conquista.

Caminhar por objetos estreitos desenvolverá seu equilíbrio e domínio de seu corpo, subir em colchões, bancos, plintos em diferentes alturas irá despertar sua curiosidade e coragem. E é impressionante analisar o quanto eles podem fazer com seus corpos, e da forma de como eles alcançam seus anseios de conquistas nas explorações dos movimentos.

O resultado de tudo isso, se traduz em crianças cada vez mais fortes, mais ágeis e de uma coordenação invejável, pois o ponto alto do prazer está no intenso desejo de testar a si próprio e por conseqüência obter novas habilidades. A adversidade dessas experiências através dos desafios realizados por tantas cambalhotas e piruetas poderá trazer para essas crianças uma grande contribuição no desenvolvimento das habilidades motoras.

São nesses “bancos” que o educador terá de tirar energia para saltar por sobre a educação. Apesar de lúdico, o esporte é considerado disciplinador, capaz de desenvolver o poder da atenção, da concentração e ainda relaxar a mente e o corpo, tornando-se essencial na construção de um laboratório das habilidades motoras, cognitivas e afetivas do aluno.

Por isso, é fundamental que o educador amplie seus conhecimentos, fazendo com que o processo de aprendizagem seja real e eficaz. E através de seus estudos e vivências, esclarecer aos pais, supervisores, diretores e pessoas afins, a importância da GA na sua essência durante as aulas de EF, ou seja, os movimentos através do brincar como fator decisivo para o desenvolvimento humano, e não apenas como discussões teóricas. Essas tarefas de movimento trabalhadas com alegria, seriedade, responsabilidade tornam-se necessárias para o crescimento. A

criança nesse contexto sente-se realizada e motivada frente às exigências impostas a sua natureza.

A educação precisa mudar*, "*mudar é difícil, mas é possível*"* (FREIRE, 1996), e para que isso aconteça, toda a estrutura institucional carece de investir em novos paradigmas, de superações frente a uma sociedade egoísta, carece de resgatar seus sonhos. Afinal, qual é a missão da escola? Segundo Rubens Alves: "A missão da escola é ajudar a descobrir a beleza adormecida em cada ser humano e abrir as avenidas fundamentais dos sonhos". (2004) O professor-educador como um todo deve buscar despertar na criança o objeto do desejo. Essa é uma das passagens para resgatar o encantamento pelas aulas.

É preciso um novo olhar para o ensino-aprendizagem desses movimentos, considerando dentro de um contexto especifico de trabalhos em que os alunos estão inseridos junto aos seus interesses e anseios na sua vontade de se movimentar. É claro que para que isso ocorra, o educador necessitará de muita sabedoria para transformar seu conhecimento em disciplina, motivação, prazer em praticar a atividade física e o que é considerado de ideal, saber o porquê e a importância de praticar.

Voltando nossa visão para uma prática mais humanista, é necessário que a educação resgate e restaure nossas escolas respeitando os sentimentos, emoções, desejos e sonhos de nossas crianças e jovens; sem arrogâncias ou interesses políticos. Assim, estaremos contribuindo para uma natureza verdadeiramente educativa e construtiva.

3 PASSOS METODOLOGICOS COMO INSTRUMENTO NA AÇÃO PEDAGÓGICA

Depois de discorrer sobre a história da GA, sua origem, etapas, contribuições, suas generalidades e especificidades, enfim, poderemos a partir de agora, mergulhar na sua beleza e no seu encanto. Um dos primeiros passos na escolha deste estudo, analisado sob uma abordagem qualitativa, aponta para a prática da GA no ambiente escolar. Ressalto o intenso significado que as crianças atribuem a essa atividade, já que as diversas sensações expressadas por elas, ao praticarem a GA, vêm de encontro ao prazer de vivenciá-la.

Segundo Neto (2001), todas as alterações ocorridas em nossa estruturação social e econômica entre nossas sociedades, devido ao processo de modernização e inovação tecnológica, tem sido uns dos motivos das inúmeras transformações nos hábitos cotidianos da vida dos homens e na sua relação com os fatores ecológicos.

Através da fala do autor, podemos perceber o quão isto irá refletir nas famílias, assim como, a responsabilidade que recairá no ambiente escolar; sendo este o principal local no qual, a criança e o jovem irão desenvolver seu equilíbrio emocional e corporal para atuar no futuro como verdadeiros cidadãos enquadrados na sociedade. Hoje, o sedentarismo infantil é um dos grandes ameaçadores; tanto para a escola, como para o professor. A exigüidade de espaços, já citado no início do trabalho, o aprisionamento das crianças e o perigo de ir brincar nos parques. Todos esses fatores estão comprometendo nosso sistema educativo. Logo, faz-se necessário nesse estudo através da GA, apontar alguns dos instrumentos no qual a escola poderá usufruir para um melhor desenvolvimento nas habilidades motoras, principalmente na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

3.1 DESVENDANDO A CAMINHADA

A essência dessa análise interpretativa foi a observação aliada à pesquisa-ação, a qual tem como foco a participação e a colaboração do pesquisador, que em alguns momentos, atuou também como professor. Na pesquisa-ação, tem-se a idéia de

identificar problemas em busca de soluções. Há um intenso desejo de mudar algo.

A pesquisa – ação existe aproximadamente a mais de 50 anos, nos Estados Unidos da América, durante a segunda guerra mundial, onde o momento vivenciado pela nação determinava uma mudança de comportamento, ou seja, há uma intensa necessidade de adaptação a novas condições. Um dos pioneiros dessa pesquisa foi o psicólogo alemão Kurt Lewin (1890-1947). Segundo o autor através da ação o discurso torna-se mais eficaz no que se refere a modificação de determinados comportamentos humanos. Na pesquisa – ação, o ponto alto aparece entre o elo da teoria com a prática, buscando um valor educativo de qualidade.[14]

Atualmente essa pesquisa vem colaborando como fonte inovadora na área do ensino no que se refere a reeducar nossa prática tanto nas salas de aula como também para a área da educação física. Aqui o pesquisador decorre sobre a natureza do universo observado, onde ele busca através de uma ação pedagógica, contemplar:

> [...] um certo hábito de ajuda mútua e de apoio mútuo; um capital de confiança e de franqueza mútua; participação de cada um na tomada de decisões coletivas; um clima caloroso, de humor, de camaradagem e o hábito de expressar seu reconhecimento. (FRANCO,apud THURLER, 2001. p. 75).

Nessa sequência através da observação, foi possível encontrar meios no qual a pesquisadora pôde inserir-se mais profundamente nas atividades do dia-a-dia dos alunos, buscando entender, tornando parte do seu universo e registrando as experiências e seus efeitos sobre o comportamento do respectivo ambiente escolar (BORDIEU, 2005).

Neste caso, minha pesquisa transcorreu através da natureza qualitativa do tipo descritivo. De acordo com Triviños, a pesquisa qualitativa compreende atividades de investigação que podem ser denominadas específicas, sendo que “todas elas podem ser caracterizadas por traços comuns” (2008, p.120). Considero essa abordagem fundamental nos estudos da GA; pois esta possui atributos essenciais na sua especificidade durante a ação, no qual me ajudou a ter uma visão mais clara do objetivo proposto, que foi o de interpretar as sensações, de forma que as aulas no ambiente escolar pudessem, além de ser extremamente prazerosas,

[14] FIGUEIREDO, Paulo Henrique. **Pesquisa ação**. Disponível em: <http://www.webartigos.com /articles/21496/1/Pesquisa-Acao/pagina1.html>. Acesso em: 15 jul. 2010.

melhorar significativamente, o equilíbrio das habilidades motoras das crianças.

Através da pesquisa qualitativa, no qual o trabalho de campo assume uma grande relevância, o pesquisador pôde conhecer melhor os seus informantes e compreender, dentro do seu universo, suas evoluções, utilizando dados descritivos derivados de registros e anotações pessoais. A contribuição da pesquisa no programa curricular da área na EF, em geral, aparece como forma de ampliar o conhecimento sobre a corporalidade e o movimento (educar através do/pelo movimento, educar a partir do movimento). Assim, a pesquisa não se limita a "estudar somente os alunos" – ela vai além, para "aprender para com eles" (TRIVIÑOS, 2008, p. 121).

O foco aqui ocorreu com o constante comprometimento do pesquisador nas aulas de educação física, contando com uma clara experiência na área, de modo que ele teve a total liberdade de interagir quando necessário no processo como mediador nessa transformação. O papel atribuído foi o de apostar na restauração da quebra de paradigmas, no qual se ausentam ou se utilizam poucos estudos de GA, buscando com insistência uma inter-relação da teoria com a prática.

Permitir que nossos corpos se desprendam e que haja uma comunicação para com eles mesmos e também para com o próximo através de gestos, da palavra, de expressões, sentir-se no espaço como um passe de mágica, é realmente alcançar o paraíso sob uma forma natural.

3.2 A ENTREVISTA

O estudo que envolve a pesquisa de campo deu inicio pela parte pedagógica da escola, no qual busquei através da entrevista semi-estruturada, deixar o entrevistado livre para expressar suas opiniões e sentimentos de modo informal, com a clara liberdade de pensamentos e fala (MARCONI; LAKATOS, 2009).

Quando fazemos uso de entrevistas "semi-estruturadas" segundo Negrine (1999); uma das características que aparece é garantir um determinado rol de informações importantes ao estudo e, a outra característica seria dar maior flexibilidade à entrevista, proporcionando mais liberdade para o entrevistado aportar aspectos que, segundo sua ótica, sejam relevantes em se tratando de determinada

temática.

A entrevista contou com perguntas abertas para a direção da escola, serviço de orientação pedagógica e professores. As questões elaboradas para a entrevista levam em conta o embasamento teórico da investigação e as informações que o pesquisador recolheu sobre o fenômeno social (LIMA, M.A.D. da S. et al apud TRIVIÑOS,1987).

Faz-se importante ressaltar que essa arte permite conhecer a perspectiva dos sujeitos frente ao trabalho realizado no ambiente escolar, sendo empregada para complementar e fazer o contraponto com os elementos obtidos através da observação.

O objetivo das entrevistas foi o de buscar quais os critérios utilizados para a inclusão da GA no currículo, de quem partiu a idéia, como foram construídas as práticas educativas dentro do cronograma atual. Esse tipo de entrevista proporcionou uma relação mais próxima entre o pesquisador e o entrevistado. Os entrevistados preferiram descrever suas perguntas durante um determinado período, pois alegaram não se sentirem à vontade com a gravação.

A partir destes dados obtidos, divulgarei as entrevistas nomeando as escolas como: Escola *A*: Escola de Educação Infantil Companhia do Brincar e a Escola *B*, como: Escola de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Brasil.

Para a escola *A*, a Diretora e orientadora pedagógica da escola, Dione Faraco, recebeu as seguintes perguntas:

Pergunta 1 – Como surgiu a ideia da inclusão no currículo escolar? E em que ano isso aconteceu?

Pergunta 2 – No seu ponto de vista, como a Ginástica Artística pode contribuir pedagogicamente nas aulas de educação física?

Pergunta 3 – Houve alguma dúvida ou receio dessas atividades por parte dos pais?

Pergunta 4 – na sua avaliação, houve diferença entre esse trabalho de Ginástica Artística comparado a outros anos sem essa prática?

Dione na pergunta número 1, trouxe o relato de que:

> A ideia surgiu através de uma das mães cuja filha de 2 anos freqüentava a escola, sendo ela professora de ginástica artística. Ela montou um projeto e levou para ser avaliado. Gostamos muito e então o projeto foi apresentado aos pais em uma reunião. Foi aprovado por unanimidade.

Na segunda pergunta, Dione reforça que “a ginástica é ainda mais completa que a educação física executada nas escolas infantis, pois ela não se restringe somente a brincadeiras. Ela faz com que a criança desenvolva outras aptidões e também a questão e principalmente a disciplina”.

A terceira pergunta está inserida na primeira, no qual:

> Os pais se colocaram extremamente favoráveis a inclusão da ginástica no currículo. E para encerramento da entrevista, Dione assume de forma positiva a diferença das atividades antes oferecidas em relação a ginástica, onde o que mais chamou sua atenção e das professoras, é que as crianças, em relação as outras especializadas deram maior preferência as aulas de GA. Nesse dia elas se comportam muito mais, sentindo medo de não poderem participar da mesma caso o comportamento não esteja adequado.

Tendo em vista o relato de Dione, fica clara a relevância da prática da GA nas aulas de educação física nos anos iniciais, pois segundo Valentini & Toigo (2004/2005), essas atividades praticadas durante os primeiros anos do Ensino Fundamental podem constituir-se de oportunidades efetivas para o desenvolvimento de níveis básicos de proficiência no desempenho das habilidades motoras fundamentais.

Essas habilidades só poderão ser trabalhadas, primeiramente se a escola oportunizar ao professor, a realização desse trabalho, cabendo ao mesmo diversificar suas aulas através de novas propostas metodológicas, inserindo-as na sua prática do dia-a-dia.

A segunda entrevistada foi a professora de educação física Liziane Bergue, responsável por essa prática inovadora com atividades de GA no currículo escolar. O histórico de Liziane beneficia essa proposta, pois desde seus quatro anos de idade, iniciou na escolinha de GA, seguindo até os quinze e participando de campeonatos oficiais como: estaduais, nacionais e internacionais. Até hoje está vinculada a GA como técnica e árbitra.

As perguntas foram colocadas da seguinte forma:

Pergunta 1 - De quem surgiu a ideia da inclusão da GA no currículo escolar? E em que ano isso ocorreu?

Pergunta 2 - Quais os pontos positivos dessa inclusão?

Pergunta 3 - Quais os pontos negativos?

Pergunta 4 - Quando iniciada a GA nas aulas de educação física, como foi a aceitação e o comportamento dos alunos?

Na pergunta número 1, Liziane diz que: *a ideia da inclusão surgiu de minhas experiências como professora de ginástica, onde viu na escola um grande potencial para dar certo porque o local se mostrou apropriado para o tamanho das turmas que fariam a prática.*

Na segunda pergunta, ela conta os pontos positivos que apareceram:

> Percebi que as crianças tiveram um ganho motor muito grande se comparar-mos o início do ano e seu término. Deve ser levado em consideração que as aulas eram ministradas uma vez por semana durante apenas 30 minutos. Alguns indícios incluem a melhora significativa nas habilidades motoras fundamentais como correr, saltitar em um pé só, saltar de uma altura, equilibrar-se na trave e fazer a cambalhota

Muitos tinham receio para fazê-la. Porém, no final do ano, todos já estavam executando a cambalhota na rampa. Outro ponto positivo foi a melhora na disciplina, organização e socialização das crianças. Em nenhum momento houve hostilização ou qualquer tipo de comportamento que levasse a acreditar que um fazia melhor que outro. Cada um evoluiu dentro de suas possibilidades e o tempo de cada um foi respeitado pelo grupo.

A terceira pergunta no seu ponto de vista, não correu nenhum ponto negativo. E para finalizar, Liziane ilustra em sua última pergunta que:

> As crianças nascem e seus primeiros movimentos de independência são ginásticos. Seus corpos pedem por esses movimentos que são naturais a elas. Então, a aceitação foi muito grande. As aulas de ginásticas eram muito esperadas por todos e eles aproveitavam cada minuto do pouco tempo de aula que tínhamos. Foi-me relatado que o comportamento das crianças era exemplar em sala de aula nos dias em que eram realizadas as aulas de ginástica. Eles demonstravam muito respeito pela professora e pelos colegas.

Compreendi após esse relato da professora, quando, falando em desenvolvimento das habilidades motoras, aparecem atividades de equilíbrio, lateralidade, força, flexibilidade e coordenação. Enfim; valências extremamente significativas e educativas as quais precisam ser vivenciadas e alcançadas nos primeiros anos da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino fundamental.

Importante nesse estudo, quando falamos de inclusão de alguma atividade; é, “termos em mente o cuidado da criação do ambiente favorável á aprendizagem onde se pressupõe a participação de crianças de diferentes níveis de habilidades, etnias, credos, portadoras ou não-portadoras de necessidades especiais, entre outros”.

(VALENTINI & TOIGO, 2004/2005, p. 32).

Creio na real seriedade na fala dessas autoras no que diz respeito a crianças portadoras de alguma doença em relação a sua inclusão na escola; pois sabemos que ainda há muitas instituições que excluem essas crianças no seu ambiente escolar. Infelizmente, frente a uma sociedade doente e egoísta, isso ainda se mostra muito evidente.

Figura 1 – Escola *A*- a professora realizando um aquecimento articular

Figura 2 - Atividade com cordas - formar figuras de GA com cordas)

Na escola B, como havia muitas turmas de anos iniciais, foi preciso optar por algumas delas; e o critério de escolha partiu do horário do pesquisador, em função de trabalhar em outros locais, dando preferência nas primeiras horas da tarde, já que pelo turno da manhã, não havia aula para os anos iniciais.

As entrevistas da escola B seguiram o mesmo critério da escola A, ou seja,

sempre dando prioridade à direção, supervisão pedagógica, professor... Então, dando segmento a sequência, pergunto:

Pergunta 1 - Como surgiu o interesse pela Ginástica Artística no currículo?

Pergunta 2 - Em sua opinião, do ponto de vista pedagógico, quais as contribuições que a Ginástica Artística pode oferecer ao aluno?

Pergunta 3 - Os pais dos alunos têm conhecimento da inclusão da Ginástica Artística nas aulas de educação física?

A primeira entrevistada foi a Diretora da escola: Fabiane Kohler, respondendo as perguntas 1 e 2, simultaneamente:

> Acreditamos que a educação em nossa Escola promove a formação integral da pessoa, através de diversas ações educativas. Proporcionando este conteúdo aos nossos educandos, queremos enriquecer e desenvolver a motricidade, a criatividade, o estímulo musical, a auto-estima, a concentração, a consciência dos seus movimentos no espaço que ocupam auxiliar no desenvolvimento da lateralidade, percepção de seu corpo, e principalmente buscar uma vida saudável.

Na pergunta 3, Fabiane relata que: “As famílias que desejam conhecer o currículo escolar das disciplinas buscam com liberdade o serviço de supervisão escolar e verificam os conteúdos desenvolvidos pelo professor de educação física”.

Pude perceber na fala da diretora o quão o trabalho em relação a motricidade se faz importante nesse processo, pois Sabemos que para a criança alcançar o aperfeiçoamento das capacidades motoras na sua fase adulta, é preciso que durante a sua infância exista uma preocupação bastante significativa tanto com a prática de atividades físicas como desportivas.

A segunda entrevistada foi a Supervisora da escola; Fabrisa Andara. Na pergunta 1, conforme seu relato no qual fiquei extremamente lisonjeada, que por ter feito parte do corpo de professores como atividade extraclasse nos anos de 2003 a 2005, da modalidade de GA; tamanho foi o sucesso do trabalho, que após minha saída, por ter sido chamada para assumir as disciplinas de ginástica geral e ginástica artística no Centro universitário Unilasalle; conforme Fabrisa, *“o professor regente do currículo junto aos professores de 5º ao 8º ano frente à direção e à supervisão pedagógica decidiram optar pela inclusão da GA nas aulas de educação física adaptando conforme os materiais e a aceitação dos alunos”.*

Na pergunta 2, na opinião de Fabrisa:

> A Ginástica Artística oferece aos alunos o desenvolvimento da coordenação motora e do equilíbrio. Proporciona um maior conhecimento das potencialidades e limites do próprio corpo, contribui na concentração, atenção e aumenta o repertório de movimentos dos educandos.

Na pergunta 3 ela relata que:

> Os pais responsáveis têm conhecimento das atividades realizadas nas aulas através dos relatos dos filhos e das noticias publicadas pelo professor de educação física no site da escola relacionado ao trabalho feito nas turmas. Os pais que tiverem maior interesse em saber sobre a GA nas aulas de educação física poderão ter acesso a essas informações com o professor da disciplina, assim como junto ao serviço de Supervisão Escolar.

Na medida em que vamos lendo os relatos, observamos uma inter-relação entre as falas da área pedagógica colocando a GA, como de fato um meio facilitador na contribuição do desenvolvimento das habilidades motoras desses alunos. A GA sem a intenção de trabalho de alto rendimento pode proporcionar à criança, a concretização de movimentos considerados básicos, como: andar, correr, saltar, girar, equilibrar, rolar, rastejar, quadrupedar, puxar, empurrar, trepar, transportar, balançar, arremessar e inverter; posições chamadas de parada de mãos. Enfim, atividades motoras plenas que possam se ajustar na construção das estruturas sensório-motoras e no aumento da linguagem motora. É através dos movimentos corporais, de gestos e expressões que a criança estreia seu convívio do corpo para com o mundo real.

O terceiro entrevistado foi o professor de educação física, Cláudio Teixeira, atuante na escola desde o ano de 2002 e responsável pelas turmas da Educação Infantil, (Nível A – Nível B1 e Nível B2) e pelas turmas do Ensino Fundamental nas Séries Iniciais, no primeiro ano, turmas: (11, 12,13 e 14), no segundo ano, turmas: (21,22 e 23), nos terceiros anos, turmas: (31, 32, 33 e 34), e no quarto ano, turmas: (41, 42, 43 e 44), totalizando quinze turmas.

As perguntas para o professor Cláudio tiveram um enfoque diferente aos da área pedagógica, em função de sua prática e vivencia para com seus alunos.

Pergunta 1 - De quem surgiu a ideia de inclusão de Ginástica Artística no currículo escolar?

Pergunta 2 - Em sua opinião, quais os pontos positivos dessa inclusão?

Pergunta 3 - Na sequencia quais os pontos negativos?

Pergunta 4 - Quando iniciada a Ginástica Artística nas aulas de educação

física, como foi a aceitação e o comportamento dos alunos?

Na pergunta 1, Cláudio responde que:

> A ideia de inclusão foi minha; partindo de minha formação acadêmica, e também por ter vivenciado meu trabalho junto a prof. Leda e de seus acadêmicos do Unilasalle entre os anos de 2003 a 2005 em suas turmas nos anos iniciais. Para Cláudio, essa convivência culminou em uma compra de materiais de GA. A Associação de Pais e Mestres da Escola (APM) adquiriram alguns materiais básicos essenciais para a prática da modalidade, entre eles: Um plinto, uma trave de equilíbrio, trampolins, esteiras revestidas com espuma, rampa de espuma, bancos suecos.

Na pergunta 2, além das valências trabalhadas, Cláudio traz movimentos de expressividade das crianças:

> Um dos pontos positivos é que a inclusão desta modalidade propicia uma organização tanto dos movimentos corporais (valências físicas), como também do espaço do trabalho realizado durante as aulas de educação física. Surgem boas surpresas em ver o "brilho dos olhinhos" deles praticando e ampliando suas possibilidades de movimentos.

Na pergunta 3, *um dos pontos negativos é a montagem da aula como: carregar os aparelhos; o outro seriam as lesões que podem acontecer pela empolgação dos alunos em tentar um movimento e não aterrissar certo ou dar com o rosto e cabeça no chão.*

Na pergunta 4, Cláudio finaliza *onde tudo que é novo e tem boa introdução é cativante, os alunos adoram, fazem com boa vontade e alegria principalmente os menores.*

Apesar da fala relevante do professor de educação física em relação à inclusão da GA nas suas aulas, ainda se percebe um certo receio no que diz respeito às lesões e quedas das crianças e também na montagem das aulas. Em relação às lesões, no meu ponto de vista, não vejo diferença entre as outras atividades, pois toda brincadeira que exija movimentos acelerados como: pega-pega, tubarão-peixe, navio-terra, enfim, todas no qual, a corrida faz-se presente, poderão haver quedas e ou lesões sérias.

Baseada nessa premissa, reforço ainda mais a atenção a determinadas atividades de GA que podem ser trabalhadas durante as aulas como forma de fortalecimento articular, muscular, tornar ágil e estar preparado para vencer os obstáculos. Quanto ao trabalho de carregar os materiais, o professor precisa ter em

mente que para a realização de uma tarefa no qual buscamos algo mais do que um simples jogo de bola ou apenas ficar caminhando sobre a quadra; vai demandar muito esforço e dedicação do mesmo, podendo a aula ficar armada de forma organizada para todo o turno em que foi proposta a atividade.

Acredito sim, que GA pode contribuir como conteúdo de ensino nas aulas de Educação física escolar desde que ela percorra na busca de uma integração frente a outras áreas, onde as crianças não tenham a preocupação de apenas exercitar-se, mas sim contrair uma consciência maior dentro do seu equilíbrio corporal onde possa ocorrer uma melhor reflexão sobre seus aprendizados. Sawasato (2009) nos traz a necessidade que as crianças têm em ampliar as habilidades físicas básicas e que precisam ser estimuladas na exploração do ambiente que a atividade pode colocar a disposição, abrangendo o manancial de movimentos do corpo como um todo.

Experimentar, vivenciar, participar, trocar, perceber, explorar, rastejar, rolar, saltar. Todos esses quesitos são movimentos naturais em que o ser humano precisa presenciar durante sua evolução, e partindo da GA como conteúdo escolar nas aulas de educação física, o professor através de atividades progressivas deve construir atividades que venham a se tornar desafiadora e ao mesmo tempo estimuladora para a criança. Fica claro a importância do respeito a essa fase de desenvolvimento e crescimento de nossas crianças, desde que se fique atento a não exceder seus limites acima de sua real capacidade física e ou psíquica.

Baseado nessa proposta, o professor poderá adentrar nesse universo pedagógico fascinante que a GA oferece, citando alguns exemplos como:

1) Na experimentação em diversos espaços físicos e situações no qual o contato com ou sem aparelhos apareçam sob diferentes formas: apoios dos pés ou das mãos, apoio invertidos conhecidos na GA como parada de mãos ou parada de cabeça; diferentes alturas e larguras dos aparelhos, exercícios em suspensão, rolamentos, enfim, e, que dentro dessa estrutura possam também aparecer elementos de combinações, considerados importantes na atenção visual e corporal da criança.
2) Através das percepções desses movimentos, há de se observar certa consciência corporal progressiva na criança, facilitando assim uma melhor coordenação e aptidão das habilidades motoras durante suas aulas de educação física.

3) As repetições durante a ação desses movimentos precisam aparecer como um suporte no qual a aprendizagem alcance um maior significado dentro de suas cadências motoras, mas sempre criando gestos inovadores no qual todos consigam realizar suas tarefas de forma prazerosa integrando a criança com o seu ambiente escolar independente do espaço a ser utilizado. (SAWASATO & CASTRO, 2006).

Figura 3 – suspensão nas barras Paralelas

Figura 4 – Aquecimento articular

3.3 O AMBIENTE

A primeira escola escolhida para a realização do estudo foi na Companhia do

Brincar, localizada na Rua Isidoro Tressi, 256 – Bairro Jardim Botânico, Porto Alegre/RS, onde somente predomina a Educação Infantil, com crianças de 0 a 6 anos, contando com 25 alunos, dispondo de um corpo docente qualificado e apoio de nutricionista, pedagoga e psicóloga. Os níveis da escola se dividem em: Berçário, Pré-maternal, Maternal 2, Jardim A e B.

Sua estrutura oferece playground, amplos espaços para brincar, salas lúdicas, brinquedoteca e refeitório. Atividades como aulas de música, ginástica artística, culinária e dramaturgia. Inglês e jardinagem são realizadas na escola com a finalidade de contribuir com desenvolvimento de seus alunos, além de aulas-extraclasse de capoeira e balé.

Figura 5– sala de artes e de ginástica artística

Figura 6 - Pátio externo com playground

A segunda escola onde dei continuidade aos meus estudos, na qual tenho um profundo carinho e admiração pela receptividade desde o início de meu trabalho durante os anos de 2003 a 2005, sentindo-me parte da família, fica situada em Porto Alegre, no Bairro Partenon, desde a sua fundação. Inserida no contexto da sua micro-região, em sua área de atuação atende a população das vilas próximas, na Rua: Alarico Valença, 160. Porto Alegre/RS.

Os níveis de ensino vão desde a Educação Infantil ao Ensino Fundamental. A escola dispõe de um quadro de excelentes recursos pedagógicos e físicos:

- Biblioteca;
- Laboratório de Informática;
- Laboratório de Ciências;
- Laboratório de Português;
- Laboratório de Inglês;
- Laboratório de Matemática;
- Sala de Artes;
- Ginásio de Esportes;
- Quadra Poliesportiva aberta;
- Sala de Vídeo;
- Sala do Conto;
- Pracinha...
- Salão de Festas;
- Capela;
- SOS Unimed;
- Vigilância Privada.

Recursos Pedagógicos

- Oficinas de História;
- Oficinas do Pensamento;
- Língua Inglesa de Pré à 8ª Série;
- Informática de Pré à 8ª Série.;
- Sala Especial para Educação Artística;
- Laboratório de Ciências;
- Ginásio de Esportes;
- Quadra Esportiva aberta;
- Som ambiente em todas as salas;
- Progressão Parcial 6ª e 8ª Séries;
- Contadores de Histórias;
- Parceiros Voluntários;
- Grêmio Estudantil

Recursos Físicos

Quanto aos espaços físicos, a escola dispõe de três quadras, sendo um ginásio coberto nas medidas oficiais, uma quadra poliesportiva externa, um pátio central, e também um amplo playground.

Figura 7 – Quadra Poliesportiva, pátio central

3.4 PROCEDIMENTOS E MATERIAIS

Na escola A, por se tratarem de crianças entre 3 a 6 anos, o pesquisador limitou-se apenas na observação, tendo em vista o domínio do conhecimento da professora que já atuava não somente como professora de Educação Infantil, mas também como técnica de GA no Clube Grêmio Náutico União e árbitra internacional. O motivo da preferência dessa escola, foi realmente poder colher elementos teóricos principalmente da área pedagógica na questão da inclusão da GA como currículo escolar, fato inovador em escolas de Educação Infantil, haja vista que a mesma oferece aulas de capoeira e balé, no qual não fazem parte do currículo, e sim como atividades extraclasses.

É importante esclarecer que todas essas modalidades esportivas tornam-se fundamentais nesse período. A GA nessa idade torna-se atrativa em função de seus materiais, todos feitos em tamanhos reduzidos, coloridos, no qual a criança é aguçada ao desejo do experimento e do movimento.

Pelo movimento, a criança pode encontrar um conjunto das relações necessárias para seu desenvolvimento motor, alcançando e percebendo como interacionar o vivido, o operatório e o mental. É na primeira idade que deverá existir uma preocupação de assegurar um papel de facilitação da ação, no qual a criança possa ter acesso à diversificação de experiências de movimento, na exploração direta de espaços e materiais. (NETO, 2001).

Então, tendo em vista todos esses quesitos, achei de um real valor observar essa escola, para então poder colher dados considerados significativos para que no

futuro através de outros estudos possamos ter um número expressivo de escolas dessa faixa etária com a GA engajada ao currículo escola.

Na escola B, a primeira etapa deu início através da fala entre o pesquisador com as três turmas de 1º, 2º e 4º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental. As turmas contavam com um número de alunos entre 25 a 32.

No primeiro momento, foi esclarecido o objetivo e os procedimentos que seriam utilizados para a pesquisa. Por se tratarem de crianças de primeiros anos do Ensino Fundamental, achei importante nessa primeira etapa fazer perguntas descontraídas do tipo: quem gosta de virar cambalhotas ou ficar de cabeça para baixo? Quem já pulou na cama elástica? Quem já ouviu falar na ginasta Daiane dos Santos.

As respostas foram em grande parte semelhantes, entre elas:

> Eu já sei fazer cambalhota e dar estrelinha. Eu pulei na cama elástica na praia ou em aniversários. Eu conheço a Daiane; ela apareceu fazendo ginástica na televisão.

Também apareceram em algumas falas alguns pontos de intervenção; alunos que nunca tinham vivenciado nenhuma dessas situações, inclusive com certo receio em relação as cambalhotas, chamados na ginástica artística como rolamentos.

Mas, no sentido geral, todos se apresentaram bastante motivados, já que o estudo teve início desde os primeiros dias do ano letivo, e também por motivo de que sabiam que seriam filmados. A escolha das turmas foi realizada de acordo com os horários no qual o pesquisador pode disponibilizar seus estudos, sem que fosse prejudicado em outros estabelecimentos no qual ele atua.

A opção de iniciar o estudo pelo mês de março foi em função do cronograma anual da escola. O ano letivo se divide em três trimestres. No primeiro trimestre, a GA aparece como meio facilitador utilizando-se das valências nas suas diferentes perspectivas, esquema corporal, freio inibitório, equilíbrio estático e dinâmico, coordenação viso-motor, percepção espacial e temporal, agilidade e destreza, lateralidade, enfim, fixar habilidades e possibilidades e inclusão de diferentes movimentos.

No segundo trimestre, aparecem os jogos lúdicos e recreativos com suas respectivas regras. Aqui, um dos objetivos é o de trabalhar a psicomotricidade relacional e a participação, trazendo sempre o social; a competição nasce de forma

cooperativa e construtivista. A conscientização em relação ao cuidado com a saúde aponta no constante programa de ensinamentos de hábitos posturais e conteúdos a respeito de qualidade de vida.

No terceiro e último trimestre, após toda essa vivência de atividades, visando um melhor desenvolvimento das habilidades motoras, dá-se a introdução a iniciação esportiva: Newcomb, futsal, Handebol, Basquetebol e atletismo, tendo como objetivo em reconhecer os diferentes esportes, identificando sua terminologia. Segundo o cronograma das aulas de educação física, as atividades aparecem de forma progressiva e pedagógica e para minha intensa satisfação na relevância que a escola dá à modalidade de GA.

A primeira aula foi mais como forma de apresentação e descontração para um maior vínculo da pesquisadora para com os alunos. As filmagens deram início a partir da terceira aula. Esse diálogo entre o pesquisador e pesquisados teve uma representação significativa por não ter sido necessário modificar o ambiente escolar e ainda as aulas de educação física.

A pesquisadora tomou todas as precauções tanto nos momentos em que participou ativamente como ministrante, como nos momentos em que foi preciso organizar seus equipamentos para a gravação das aulas, designando uma rotina de métodos simples para uma melhor otimização na qualidade de seus apontamentos.

Em momento algum houve alteração na rotina dos alunos. As crianças chegavam no ginásio acompanhadas pela professora de classe, e em seguida todos sentavam no centro da quadra para que o professor pudesse iniciar a chamada e transpor as atividades que seriam realizadas naquele dia.

Quando o professor regente era o responsável pela atividade, o pesquisador aproveitava para realizar a filmagem, e quando o pesquisador estava na qualidade de ministrante o professor regente fazia o uso das imagens.

Aqui as trocas de conhecimentos foram fundamentais para que os conteúdos pudessem ganhar corpo reforçando as bases pedagógicas na execução dessas tarefas. Visto pelo ponto de vista de Ayoub (2003, p. 39):

> Compete a nós “educadores do corpo”, (ou simplesmente educadores), superar os equívocos do passado e do presente e *imaginar* uma ginástica contemporânea que privilegie, acima de tudo, a nossa dimensão humana, o que quer dizer o ser humano-*cultura* e não o ser humano máquina, o ser humano-*sujeito* e não o ser humano-objeto.

As aulas de educação física eram de um período por turma no tempo de 50', sendo que só entre a chamada e as explanações das atividades que seriam realizadas no dia, mais a vinda para o ginásio e o retorno para a sala de aula. Restavam apenas 25' ou com um pouco mais da colaboração de todos e 30' para a prática. Tempo considerado escasso para uma turma que comporta mais de 20 alunos, e no qual, o professor precisa muitas vezes de um tempo maior para conseguir desempenhar suas tarefas de maneira adequada e produtiva.

O total das filmagens fechou em oito aulas, somando mais de 7hs de vídeo. Logo após a concretização das filmagens, os apontamentos foram registrados na forma de DVD para que durante a arte da descrição das aulas, o pesquisador pudesse usar desse recurso de maneira prática e facilitada. Os apontamentos foram todos analisados e interpretados para que se pudesse eleger os mais expressivos e significativos pela visão teórico metodológico. Os critérios utilizados para a pesquisa foram os seguintes: Qualidade no uso das imagens, em algumas se deu preferência ao som, fotos dos materiais para uma melhor compreensão do leitor, a constância em que as atividades propostas foram realizadas e no valor em que os alunos deram a elas, (motivação e preferência das atividades).

Na GA podemos proporcionar uma variedade bastante significativa de movimentos e posições considerados não muito comuns, que visem a criança a dominar, reconhecer e perceber o próprio corpo. Muitas vezes, durante sua ação corporal, aparecem transformações imperceptíveis e totalmente inconscientes; por isso a importância da criança em conhecer seu próprio corpo, saber escutá-lo, estar consciente de suas ações nesse espaço chamado universo que nos envolve tanto afetivamente como socialmente no qual a liberdade e a sensibilidade possam ter força de expressão e o professor consiga com isso construir de forma verdadeira seus ensinamentos perante nossas crianças.

Vivenciar, apreciar, experimentar, estimular, perceber os movimentos, torna-se fundamental durante a fase da aprendizagem. "As primeiras relações com as quais a criança se confronta é o deslocamento de seu próprio corpo no espaço e no tempo, surgindo assim, a noção do ritmo, equilíbrio e coordenação. "Uma vez vencida essa etapa, surge a motivação e a necessidade da introdução dos demais elementos da ginástica no movimento". (GAIA & BATISTA, 2009, p. 24).

A essa riqueza de movimentos, podemos assim denominar de valências físicas; brotam em total abundância nas aulas de GA, semeando com amor e

dedicação até alcançar sua total plenitude.

Em relação aos materiais e ou aparelhos, ambas as escolas contavam com materiais de boa qualidade, considerados como básicos para a prática de GA nas aulas. Na escola A, mesmo sendo uma escola pequena, apesar do pouco espaço onde eram realizadas as aulas de GA, ainda sim, havia um tapete (carpete), um plinto adaptado para educação infantil com apenas três gavetas de madeira, uma trave que mais parecia uma pontezinha de brinquedo, uma rampinha de espuma para rolamentos, flocos de espumas coloridos, arcos, cordas. Enfim, não havia quantidade, tão pouco materiais de confecção oficial, em compensação, o diferencial era a criatividade da professora e o seu amor incondicional pela profissão e pelas crianças.

Figura 8 – Materiais básicos adaptados para a aplicação nas aulas de GA. Escola *A*

Na escola B, eu diria que os materiais adquiridos pela escola são os desejos de todo professor de educação física, pois através deles o professor pode escolher como trabalhar em diferentes objetivos. A escola contém 4 colchões 2m x 2m encapados com lonas extremamente resistentes a saltos, e de uma importância significativa para atividades no qual a criança necessita fazer aterrissagens. Um plinto com cinco gavetas de madeira, indicado para salto substituindo o cavalo ou mesa de salto, (aparelhos oficiais da GA), uma rampa de espuma para rolamentos, um trampolim, (aparelho utilizado para dar o início ao salto), um mini-trampolim,

(também utilizado para execução de saltos).

Duas esteiras revestidas de espuma de 3m de comprimento por 2m de largura. Essas esteiras na época em que trabalhei, foram confeccionadas por um sapateiro, me lembro como se fosse hoje, que revirei as lojas de estofados para saber onde eu encontrava o chamado cascão de espuma; material utilizado para fazer flocos e rechear almofadas. Acabei encontrando uma empresa no interior, na cidade de Dois irmãos - Vale dos sinos/RS, depois comprei lona leve, ilhós e cordas finas e levei para um sapateiro que com muita boa vontade me proporcionou um material no qual as crianças puderam desenvolver diversos exercícios como: rolamentos, estrela, pontes, saltos, caminhadas coreográficas, é claro que não substitui um solo oficial, mas para uma escola tornam-se fundamentais para a aprendizagem e desenvolvimento das habilidades motoras, cinco bancos-suecos e ainda uma mini-trave. Os bancos-suecos são bancos de madeira com dois lados, ele mede entre quatro a cinco metros de comprimento por 30cm de largura (parte alta), e na parte baixa ele mede 10cm de largura (mesma medida de uma trave oficial), e ainda com todos os outros materiais que uma escola dispõe: bolas, arcos, cones, bastões.

Figura 9 – Materiais disponíveis na escola: (rampas, trampolins, mini-trampolins, colchões bancos-suecos), fundamentais no desenvolvimento das habilidades motoras.

Essas aquisições seriam o ideal de um trabalho para um bom desenvolvimento das habilidades motoras, mas infelizmente vivendo em nossa contemporaneidade, a educação física sofre uma desvalorização e um descrédito bastante acentuado frente às instituições. Com certeza, isso se deve ao fato de que muitas vezes encontramos no profissional da área um despreparo na criação de aulas mesmo com poucos materiais, uma comodidade no sentido de seguir sempre a mesma rotina, como o jogo de futebol ou atividades lúdicas sem um planejamento organizado.

Na verdade, Diversos atributos ou modalidades precisam fazer parte dessa construção quanto ao desenvolvimento das habilidades motoras e ajudar na contribuição como instrumento na ação pedagógica, entre eles: o jogo, as lutas, a dança e as ginásticas. Para que o ambiente escolar possa usufruir de uma cultura motora privilegiada, Neto (2001) coloca algumas aquisições pedagógicas consideradas fundamentais nos anos iniciais, tais como:

- Valorizar a experiência de movimento em vários quadrantes, nas suas ligações com outras áreas de aprendizagem, incidindo mais no processo do que na especificidade da performance, ou produto do movimento;
- Proporcionar, de forma organizada, atividades motoras em quantidade e qualidade, de acordo com o nível de desenvolvimento da criança;
- Incentivar o aproveitamento dos espaços e recursos naturais;
- Estimular a utilização de materiais e equipamentos disponíveis na comunidade, reconcertando-os em função das características das práticas adequadas a estas idades;
- Orientar a realização de Atividades Físicas através de uma prática regular no curriculum escolar.

É lamentável conceber no ser humano um egoísmo do seu total conhecimento, sem fazer de seus ensinamentos uma troca ao seu semelhante, ficando aqui a criança como a principal figura prejudicada em suas atividades colaborando para a falta de motivação pelas aulas e ao sedentarismo infantil.

> Podemos tornar disponível o que possuímos e, assim, podemos passar do penoso possuir, reter e acumular para a experiência generosa de partilhar, dar e trocar, que nos livra, ao mesmo tempo, do que temos e guardamos para nós, e de nós mesmos, quando nos guardamos para o que temos. E essa é a semente da liberdade (BRANDÃO, 2005. p. 149).

Somente pensando sobre esse paradigma de saber *dar* e *trocar* é que podemos enxergar uma luz nesse horizonte de uma prática educativa realmente verdadeira, no qual possa ser construída em cima do respeito na dignidade do educando, de suas dificuldades e qualidades.

4 ANÁLISE E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES GIMNICAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FISICA

O capítulo aqui descrito apresenta as aulas escolhidas no qual compunham esse estudo. Nas duas primeiras, a observação ocorreu na escola de educação infantil, no qual as idades se aproximam entre três a cinco anos. A GA aqui aparece na forma de aquecimento articular, com algumas brincadeiras e ou sob a forma de circuito.

A terceira aula, já acontece na escola de ensino fundamental, onde o professor inicia o ano letivo com atividades lúdicas para um melhor entrosamento com as turmas. Na sequência das outras aulas, ele explica aos alunos como será a introdução da GA no decorrer do trimestre. Tomei sempre cuidado para que todos os métodos utilizados tivessem o mesmo julgamento, a saber: a apresentação da aula, o número de participantes por turma e a forma como foi estruturada.

Na segunda etapa, a descrição das aulas aparece sob a forma de pontos relevantes que serviram como instrumentos significativos na fundamentação das análises.

4.1 AULA (A) – ATIVIDADES LÚDICAS - ESCOLA A – INTRODUÇÃO A GINÁSTICA ARTÍSTICA

- Dia 24 de Fevereiro de 2010.

Atividades lúdicas: “Coelho sai da toca”.

☺ “Coelho sai da Toca” - Materiais utilizados: Arcos

☺ - Participaram dessa atividade: 10 crianças.

☺ - A área onde foi realizada a aula foi no pátio coberto, com um tapete (carpete), que serviu para delimitar o espaço.

☺Desenho do espaço: “Coelho sai da toca”

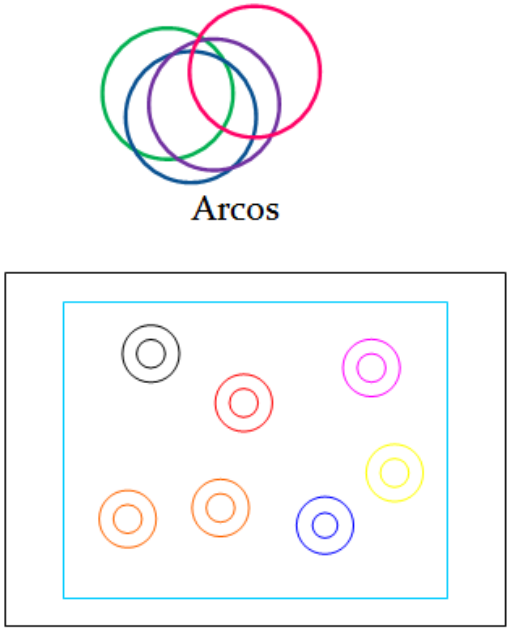


Figura 10 – Arcos espalhados pelo tapete (carpete).

☺ Essa atividade serviu como aquecimento articular de maneira lúdica, no qual as crianças são os coelhos e os arcos são as tocas. Ao som da música, elas ficam pulando em forma de coelhos no espaço delimitado, quando a música é interrompida, a professora grita: cada coelho na sua toca, então aquele que sobrar, deixa a brincadeira retirando um arco.

Uma das variações que aparece nessa brincadeira é pedir pelo número de coelhos em cada toca. Ex: ao sinal da professora: agora são dois coelhos, três e assim por diante.

Os dados que procurei observar nessa atividade foram: Atenção, coordenação, visão espacial, motivação.

☼ A idade aqui trabalhada, requer do professor uma variedade de propostas no qual a criança a partir de agora, irá iniciar suas descobertas e seu engajamento para as atividades práticas, no qual a exploração do ambiente aliado aos objetos que serão oferecidos possa atingir as necessidades básicas no que se refere a um desenvolvimento adequado das habilidades motoras.

Aqui, o objeto oferecido são os arcos, no qual a troca de lugar, a mudança faz com que a criança construa um espaço de ação vivenciado, no qual segundo BOULCH, “O objeto, sobretudo o objeto novo, insólito, é a necessidade intelectual que vai orientar a atividade da criança na descoberta e no domínio do mundo exterior” (1982. p. 59).

A atenção aqui exigida faz-se necessária através da rápida visão e de sua ação para chegar à toca antes do seu colega, essa manifestação provocou gritos, risadas e alguns empurrões. Também apareceram alguns desequilíbrios corporais, principalmente na parte da corrida, no qual já se percebe algumas crianças com dificuldades de coordenação, agilidade e velocidade. Enfim, movimentos que precisarão ser trabalhados com mais atenção e dedicação do professor. A organização aqui é adquirida através da atividade, "*é fazendo a atividade que a criança se organiza*"[15].

Quando pedido um maior número de crianças dentro do arco, propõe-se a criança uma forma de praticar sua matemática através do brinquedo. Ela também precisará abraçar os colegas para que ninguém caia para o lado de fora, contribuindo assim para uma melhor interação sem a preocupação com o fator gênero. Essa atividade estimula a criança a um melhor desenvolvimento da habilidade perceptiva e adaptativa ao seu meio.

A segunda atividade, já com a intenção dos primeiros passos de ginástica artística, inicia com um trabalho de circuito, no qual são oferecidos estações sob diferentes formas: largo, estreito, alto, baixo, curvas.

- Introdução à Ginástica Artística

☺ - "Circuito"- Materiais utilizados: cordas, mini-trave.

☺ - Objetivo da aula – trabalhar o equilíbrio corporal em diferentes contextos.

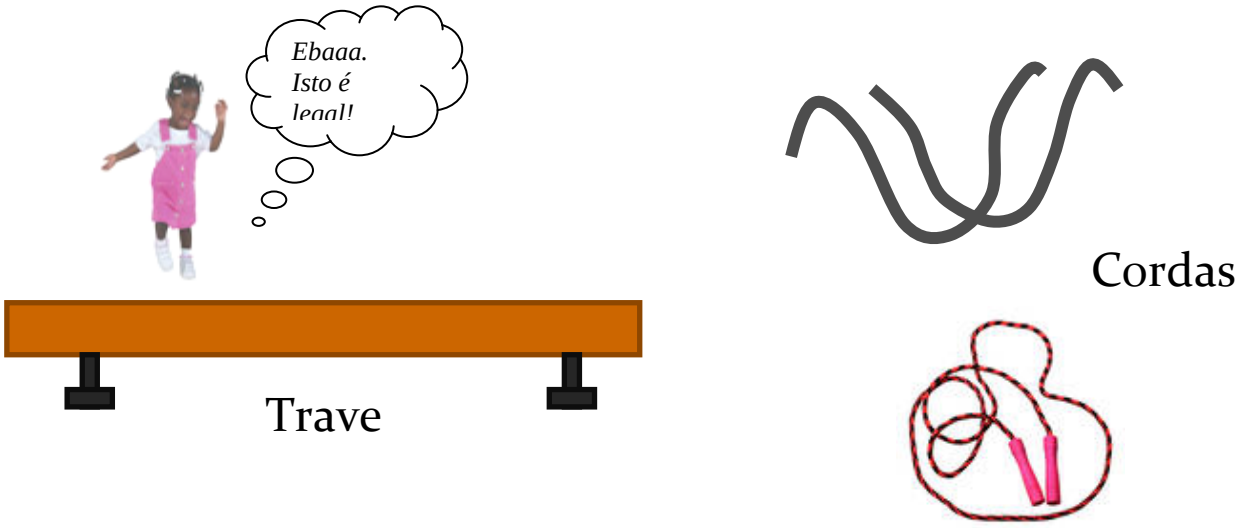


Figura 11 – materiais utilizados no circuito

[15] ARCA DE NOÉ. Piaget. Disponível em: < http://www.escolabilinguearcadenoe.com.br/artigos.html>. Acesso em: 07 jun. 2010.

☼ Após o aquecimento lúdico, a professora montou algumas estações na forma de circuito, com diferentes posições das cordas, em linha reta, sinuosas, em forma de desenhos e uma mini-trave[16] de uma altura de 15 cm do solo. A proposta dessa aula era trabalhar o equilíbrio corporal, atividade fundamental nessa fase da criança. Foi formada uma fila onde um de cada vez caminhava em diferentes direções e alturas. Pontos relevantes da observação: equilíbrio, lateralidade, postura, coordenação.

> O caminhar, o aprendizado e tantas outras situações em nossas vidas compreendem uma sucessão de "desequilibrar-se" e reequilibrar-se; no entanto o sucesso destas atividades dependerá de nossa habilidade para gerar esta alternância de pequenos desequilíbrios e reequilibrações. (SANT'ANNA, 2006, p. 14).

Existem muitos questionamentos em relação a formar filas, em função da demora do exercício a ser executado. Ao longo de experiências em trabalho com crianças, percebo que as filas incitam à atenção, disciplina, respeito ao colega, saber esperar e etc.; enfim, exigem movimentos no qual a criança na sua fase adulta, precisará vivenciar no seu dia-a-dia, seja na fila do banco, no supermercado, no trânsito; atividades adequadas na fase infantil que determinarão o sucesso do ensino e na qualidade da aprendizagem de nossas crianças.

A atividade gímnica aqui explorada, utilizando o equilíbrio corporal como objetivo principal, faz com que o movimento da criança seja refletido e expressado de acordo com a condição criada. Através do circuito, podemos trabalhar com o uso de equipamentos diversos, no qual, segundo Neto (2001, p. 50) "essas propostas metodológicas, valorizam a exploração de movimentos locomotores e posturais, equilíbrios, controlo, flexibilidade".

As crianças frente a essa atividade mostraram-se extremamente motivadas e entusiasmadas; o ponto alto da aula aconteceu com as caminhadas sobre a trave de equilíbrio. Foi muito significativo esse trabalho, pois cerca de seis meses aqueles que mal conseguiam caminhar entre cordas alinhadas no chão, após a repetição desses movimentos, além de dominar o equilíbrio, eles realizaram giros de 360 graus em meia ponta. A repetição desses movimentos na educação infantil facilita a aprendizagem das ações corporais, proporcionando um melhor domínio e consciência do corpo.

[16] Na falta do aparelho trave, o professor poderá utilizar um banco ou uma tábua espessa.

4.2 AULA (B) ESCOLA A – AQUECIMENTO ARTICULAR – CIRCUITO DE APARELHOS

- Dia 17 de Março de 2010

☺ Aquecimento Articular – materiais utilizados: somente o tapete (carpete)

☺ Pontos relevantes na observação: Valências físicas, disciplina, motivação.

☺ Participaram dessa atividade: 12 crianças.

☼ A professora deu início ao aquecimento articular, colocando uma música de fundo, no primeiro momento ela deixou as crianças a vontade, girando braços, mexendo a cabeça, alguns evidenciaram movimentos de dança, outros jogaram-se no chão. Enquanto cada criança criava seu movimento, a professora ia explicando a proposta da aula, discorrendo sobre a importância do aquecimento para a musculatura. Através de sua fala, iam pedido alguns exercícios na forma de bichos, como por exemplo, o exercício de cachorrinho, onde a criança fica sentada com as pernas afastadas e tenta encostar o queixo no solo. O salto canguru, o salto gatinho, quem consegue fazer uma ponte; enfim, esses movimentos são fundamentais “servindo como instrumento básico de adaptação ao meio, e na aquisição de gestos e condutas motrizes”, (VARGAS, 2004, p. 80), onde devem ser vivenciados e experimentados nas aulas de Educação Física. Por isso, o real compromisso do professor de oferecer nessas primeiras idades uma variedade de experiências de movimento, explorando todo o tipo de espaço e materiais.

A criança quando realiza o movimento durante seu dia-a-dia, a resposta quase sempre é imediata e espontânea, ela por si só, dá o seu real sentido nas coisas que experimenta. É a arte de ser criança na sua essência.

☺ Circuito de aparelhos: Materiais utilizados: colchonetes, uma caixa de plinto, flocos, rampa para rolamentos, arcos, bolas, cordas.

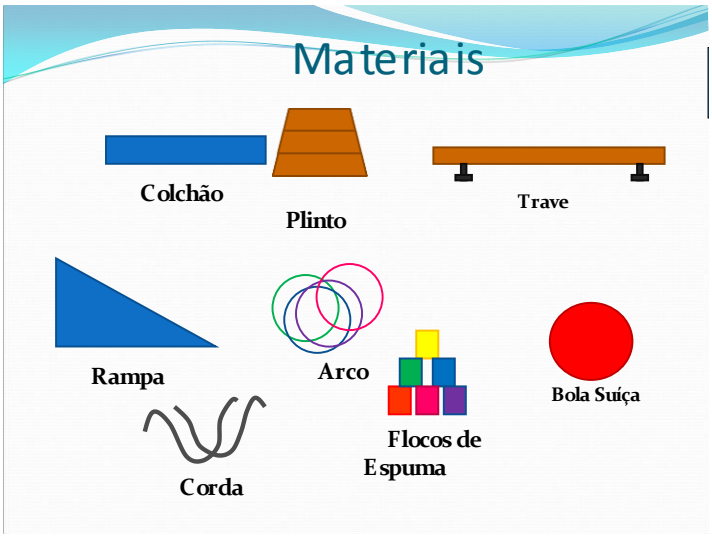


Figura 12 – Modelo de montagem de circuito com aparelhos adaptados

O circuito é uma forma bastante prática e significativa no ambiente escolar, pois ele propicia uma variedade de estações, diminuindo assim as grandes filas, e proporcionando ao aluno um envolvimento maior as atividades propostas. Aqui se percebe a criatividade da professora na escolha das estações, no qual foi cuidadosa em ficar na estação que supostamente poderia oferecer algum risco do aluno se machucar.

Os materiais, além de apresentarem em formas de miniaturas, chamavam a atenção pelo colorido. O desenho nos mostra uma distribuição dos aparelhos em um pequeno espaço. Isso tudo poderia estar montado dentro de uma sala de aula, ressaltando com isso, que a atividade pode ser organizada dentro de uma figura extremamente pedagógica, prazerosa independente do espaço oferecido.

Um trabalho organizado sob a forma de circuito, além de proporcionar ao aluno uma experimentação das diversas valências, entre elas: flexibilidade, força, agilidade, ritmo, equilíbrio, coordenação; contribui de forma significativa “condições favoráveis no desenvolvimento das habilidades motoras e do lúdico, estimulando a habilidade perceptiva para melhoria do controlo motor” (NETO, 2001, p. 21).

Essas ações são fundamentais para o aperfeiçoamento desses modelos motrizes. Como toda montagem de aparelhos, pode ser trabalhosa, mas como educadores e responsáveis pelos ensinamentos e por uma qualidade de vida onde o ambiente escolar consiga atingir diferentes contextos pedagógicos, o professor precisa sim, ser o principal mediador nesse processo de ensino para o total ganho da aprendizagem.

Fica claro, que quanto maior se dá o conhecimento prático do professor embasado aos conteúdos teóricos, mais expressivo será o ganho do desenvolvimento das habilidades motoras dessas crianças, haja vista, que a professora tinha uma longa experiência como atleta, e na sequência da sua fase adulta desenvolveu projetos na área da educação infantil, qualificando-se em cursos de Pós-graduação na modalidade de ginástica e psicomotricidade. Essa busca pelo conhecimento deve ser incessante por parte do educador, pois nas doces e expressivas palavras de Freire (2007, p. 29):

> Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque Indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Mais uma vez, reforço o binômio profissão/vocação, pois se não tem a alegria e o clima positivo na aula através do professor, o gosto e o prazer pela atividade realizada não terá expressão alguma. O trabalho realizado através de circuito contribui de maneira significativa no processo disciplinar da criança, pois durante a prática ela precisa ter atenção nas estações por onde ela irá passar; apreender a executar as tarefas, construir táticas para uma melhor execução; tudo isso é disciplina. No momento em que o professor/educador oferece situações nos quais a criança terá de lidar com mudanças de comportamentos, já se está ensinando disciplina, em outras palavras, isso é educação.

4.3 AULA (C) ATIVIDADES LÚDICAS - ESCOLA B

- Dia 02 de Março de 2010

A turma aqui observada foi a de segundo ano com idades entre 7 e 8 anos. O professor aguarda a chegada da professora de classe com os alunos até o ginásio, onde todos sentam em círculo no centro da quadra. Essa rotina serve para todas as turmas desde os primeiros anos até o quarto ano. Segundo o professor, o círculo desenhado no centro da quadra, ele identifica como uma mesa onde cada um possui em suas casas. Portanto, os pés não podem ultrapassar o círculo desenhado no

chão.

Essa escola é coordenada por Irmãs Franciscana de Nossa Senhora Aparecida, sendo oferecidos à comunidade projetos sociais visando a solidariedade.

A escola tem como hábito, sempre que o professor dá as boas vindas, como Bom dia ou Boa tarde, os alunos respondem “Paz e Bem”, considerado como lema da escola. Após essa apresentação, como o ano letivo estava recém iniciando, o professor para quebrar o gelo e poder aproximar os alunos para seus objetivos faz perguntas do tipo: *Quem gosta de brincar? Quem tem bastante amigos? Quem já pulou uma cerca e não se machucou? Quem já dorme no quarto sem luz acesa? Quem já dorme sozinho no quarto?* O clima proporcionou muitas risadas e descontrações. Alguns contaram histórias. Enfim, a partir desse momento percebi que independente da atividade que fosse ser oferecida naquele momento em diante, o professor teria a turma no seu controle. Então, a partir da quebra do gelo, o professor perguntou se eles conheciam algumas brincadeiras do tipo: pega-pega, fogo e gelo, elefante colorido, siga o mestre, espelho e quando ele perguntou quem já brincou de peixe e tubarão, percebi que ninguém conhecia e que houve um grande entusiasmo em conhecer e poder participar. Também fui apresentada pelo professor, o qual explicou que na aula seguinte eles iniciariam as aulas de educação física com ginástica artística. A maior parte deles mostrou-se bastante motivados.

- “Peixe e Tubarão”
- Número de participantes: 28 alunos
- Pontos relevantes na observação: cumprimento de regras, disciplina, motivação.

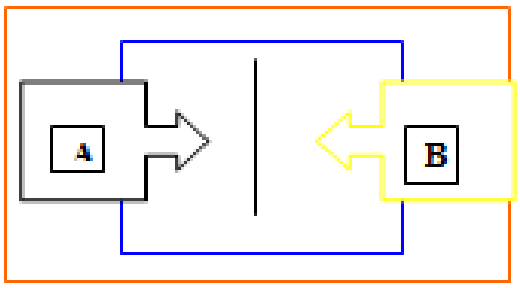


Figura 13 – Ginásio de esportes

☼ No primeiro momento o professor realizou movimentos de alongamentos, já que os alunos precisariam correr. Na figura **A** os alunos representavam os peixes

ficando em pé, na figura **B** os alunos representavam os tubarões que estão deitados na quadra fingindo estarem dormindo. A seleção dos grupos foi escolhida de maneira mista. Ao sinal do professor, os peixes iam ao encontro dos tubarões provocando-os com falas como: *o tubarão não é de nada, tu não me pega,há,há, não tenho medo de ti.* Outro sinal é dado pelo comando do professor acordando os tubarões; que vão de encontro para pegar os peixes; quem for pego, passa a ser tubarão, o limite é até o espaço dos peixes, se eles conseguirem chegar sem serem pegos, os tubarões retornam para seus lugares. A brincadeira termina quando somente um peixe sobreviver.

Esses jogos de perseguição são atividades importantes, pois estimula o aluno *a locomover-se, mudar de direção diversas vezes realizando esquivas, onde o objetivo é o de não ser pego, ou pegar alguém, alcançar um local ou objeto, ou ainda evitar que outros interfiram no seu espaço.* (VALENTINI & TOIGO, apud BELKA, 1994, p. 27).

Todos os alunos participaram da atividade; em se tratando de exercícios que envolvem corridas, logo apareceram as quedas, pois nem todos possuem as mesmas habilidades. A primeira manifestação que aparece é o choro, na maior parte são as meninas.

Quanto ao cumprimento das regras, nem todos respeitaram o espaço da quadra no qual foi delimitado. Alguns saindo inclusive da quadra. Não houve muitas quedas. A disciplina, em relação ao comando do professor, aconteceu até certo momento, em relação à motivação, percebi que durante um tempo, todos estavam motivados e entusiasmados, mas o cuidado que o professor tem que ter é não fazer dessa atividade, a única de toda a aula.

A criança nessa fase mostra-se extremamente animada para a prática desportiva, por tanto, é preciso nesse processo ensino-aprendizagem, situações diferente de atividades provocando desafios onde o foco fique sempre centralizado no desenvolvimento físico, como no cognitivo e social.

Neto reforça essa exploração de espaços e atividades quando na sua fala nos mostra que: “os espaços de movimento e de jogo são essenciais para uma estrutura correta da motricidade. Em outras palavras traduz através do corpo da criança, as características do espaço percepcionado, segundo o autor o prazer do jogo é conquistado pelas condições de ação possíveis desses espaços”. (2001, pág. 125).

Fica evidente que o papel do professor para qualquer realização de tarefas

torna-se fundamental para a motivação da criança. É preciso estar cauteloso a leitura que eles fazem das atitudes dos professores, saber ouvir muitas vezes é saber escutar na sua essência, isso implica, desde o olhar, os gestos, atitudes e movimentos. Isso é a fórmula da *Arte do Educar.*

4.4 AULA (D) INTRODUÇÃO A GINÁSTICA ARTÍSTICA - AQUECIMENTO GERAL - ATIVIDADE COM BANCOS SUECOS - ESCOLA B

- Dia 19 de Março de 2010

A turma aqui observada foi a do quarto ano com alunos entre 9 a 11 anos. As turmas dos quartos anos iniciam o ano letivo com um trabalho de antropometria[17]. Segundo relato do professor, através de algumas medidas nessa idade, pode-se perceber se o crescimento está de acordo com a idade e para ele ainda o mais importante é o peso em relação à altura.

Ele separa a turma por grupos, enquanto um grupo está com ele, os outros estão divididos na quadra com escolha de três atividades. Uma delas é tiro a gol, a outra é arremesso na cesta e a outra é saque de voleibol.

Nesse dia, o que me chamou a atenção foi que apenas um aluno estava sentado na arquibancada, sem grupo algum. Fui ao seu encontro e perguntei a ele porque não estava participando de nenhuma atividade; para minha surpresa e tristeza, ele respondeu: *eu não gosto de nada, e eu estou muito cansado,* eu ainda insisti; você não gosta de nenhum esporte? *Não, eu odeio esportes.*

Para uma criança de apenas 10 anos, fiquei perplexa com sua resposta, e lhe fiz outra pergunta. Do que você gosta de fazer de lazer então? *Eu só gosto de jogar vídeo game;* parece uma resposta normal nos dias de hoje, mas o meu sobressalto foi a aula que recebi não só dos mais atualizados games, como dos acessórios que acompanham esses jogos. Enquanto ele falava sobre os games, seus olhos brilhavam, sua mente viajava como se estivesse em casa jogando e seus dedos faziam exatamente o movimento dos controles.

Fiquei tocada com seu comentário e ao mesmo tempo preocupada, pois

[17] É o conjunto de técnicas utilizadas para medir o corpo humano ou suas partes.

quando chegou sua vez da medição, observei que ele desequilibrava até no seu caminhar. Perguntei para o professor se era sempre assim, e a resposta foi ainda mais séria: *isso vem desde o primeiro ano, ele só faz a atividade quando eu digo que vai valer nota.* Naquele dia deixei a escola pensativa e triste, pois algo tem que ser feito, a educação não pode perder para a máquina. Sei que os vídeos games são excelentes para a motricidade fina das crianças, assim como para a parte cognitiva, mas sei também que um corpo doente não desenvolve uma mente sadia, e aí está um grande desafio para o professor, que é o de trazer esse aluno para junto de suas aulas, colocando a importância de um corpo saudável, um resgate ao prazer pela atividade física desse aluno. “Recentes estudos sobre os efeitos da televisão e jogos eletrônicos no comportamento infantil, têm vindo a demonstrar a real necessidade de uma maior atenção às práticas lúdicas não estruturadas e uma maior interação entre a criança e a família”. (NETO apud GUDDEMI, 1985, p.133).

Quiçá um esforço e dedicação do professor a esse aluno, poderá ser uma grande conquista na sua função de educador e uma luz nesse universo infantil que está adormecido e adoecido pelo jogo/máquina. Alves (2010, p. 77) chama a atenção dos educadores sugerindo a eles que “pensem menos nas tecnologias do ensino – psicologias e quinquilharias – e tratem de sonhar com seus alunos sonhos de um paraíso”.

Essa aula não foi escolhida para minha observação em relação à ginástica artística, mas não poderia deixar passar em branco esse relato, pois se não chamar-mos a atenção para esse problema, como então reivindicar uma mudança frente às instituições? Quantas crianças podem estar inseridas nesse mesmo contexto? Como educadores, temos responsabilidades para com esse aluno na construção desse ser como cidadão junto a família e para com a sociedade.

Fiquei então mais um período na escola para descrever a segunda aula, com outra turma do quarto ano.

- Atividade com bancos suecos
- Número de participantes: 30 alunos
- Desenho do espaço

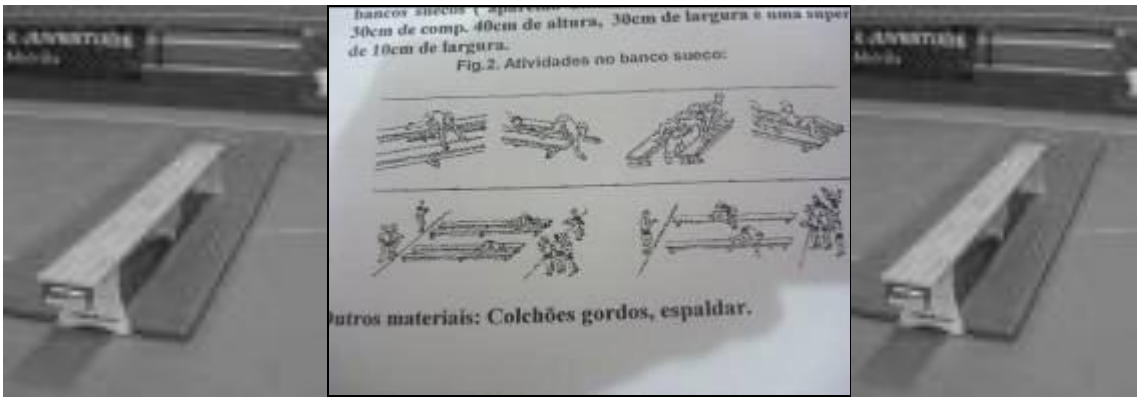


Figura 14 – Atividades com Bancos Suecos

No primeiro momento, o professor realizou um aquecimento articular com alguns exercícios de alongamentos, para então os alunos poderem aproveitar o maior tempo com a atividade sobre os bancos suecos. O banco sueco é um material muito rico para as atividades escolares, embora muitos professores desconheçam sua riqueza.

Ele é um aparelho de fácil confecção, pois apesar de ser apenas de madeira, ele oferece uma diversidade de exercícios. E o mais interessante nesse aparelho, é que a sua largura é de 40cm, e quando virado de cabeça para baixo, ele mede 10cm, ficando assim a mesma largura de uma trave de equilíbrio, (material oficial da GA), então, após o aluno executar todas as caminhadas, corridas, posições de equilíbrio, ela também poderá repetir todos eles sob uma forma mais estreita, desenvolvendo ainda mais suas habilidades motoras.

☻ Pontos relevantes para observação: organização, valências físicas, motivação.

☼ Para essa atividade, a escola dispunha de cinco bancos suecos, no qual facilitou a divisão da turma. É muito importante na organização de uma aula, a forma como será distribuídos os materiais em relação ao espaço, e principalmente que toda essa estrutura já esteja montada para um melhor desenvolvimento e aproveitamento dos alunos.

> A opção por essa estratégia representa outra alternativa para garantir a otimização do ambiente favorável à aprendizagem no sentido de que os aprendizes não gastem tempo de aula organizando ou esperando que o professor organize a aula. (VALENTINI & TOIGO, 2004/2005, p. 41).

Então, após o aquecimento articular, os alunos formaram colunas de seis de

um lado da quadra do ginásio, e do outro lado os bancos estavam dispostos de forma longitudinal aos alunos.

♠ Ao sinal do professor, os grupos contornam em diferentes posições: saltitando sobre uma perna, depois a outra, com as pernas unidas imitando um coelho;

♠ Caminhar em cima do banco, (de frente, de costas, de lado corrida leve);

♠ Caminhar ajoelhado, deitado puxando pelos braços;

♠ Em cima do banco, (um ao lado do outro), de mãos dadas, agachar, sentar, mostrar uma posição de equilíbrio (aviãozinho);

♠ Educativo para a estrelinha: apoiar as mãos no banco, pular de um lado a outro alternando as pernas, (através desse exercício, o aluno já percebe sua melhor perna para a impulsão); mesmo exercício com as duas pernas na posição grupada, (flexionada);

♠ Pés apoiados no banco, corpo na posição de apoio, frente para o solo, caminhar de um lado a outro. (nesse exercício, o professor deve corrigir a posição da coluna, de maneira que o aluno não force a região lombar);

♠ Outras atividades apareceram, como do fundo da quadra vir correndo e saltar sobre o banco na posição (transversal), metade do grupo em cada ponta do banco, vir de encontro ao colega e trocar de lugar sem cair. (nesse exercício é importante a interação entre meninos e meninas, de forma que eles executem naturalmente ao contato com o colega). E assim como outras variáveis encima do banco com a utilização de cones e bolas.

Em se tratando da organização, a forma distribuída dos bancos e a quantidade adquirida pela escola, proporcionaram um ambiente qualificado para a realização dessas tarefas. “Esses espaços devem contemplar as necessidades (motoras-cognitivas-afetivas), e também os níveis de segurança mínimos para possibilitar sua ocupação.” (NETO, 2001, p. 122).

Quanto às valências físicas, fica presente nessa atividade a qualidade do trabalho para um melhor desenvolvimento das habilidades motoras, entre elas aparecem; coordenação, (elementos realizados exigindo mudança constante de posições), equilíbrio, (caminhadas em meia ponta, execução de aviãozinho), força, (membros superiores, puxadas de braços, caminhar na posição de apoio), flexibilidade e agilidade, (saltar por sobre os bancos com pernas unidas e afastadas).. Enfim, somente com essa atividade, o professor está oferecendo ao seu

aluno praticamente todos os estágios motores, atendendo com precisão o movimento infantil.

Quanto à motivação dos alunos, a aula foi tão prazerosa, que eles ficaram tristes quando tocou o sinal, perguntei o que sentiram e alguns responderam: foi super legal, adorei, foi diferente das outras, fiquei bastante cansado, mesmo assim gostei muito, quando vamos ter essa aula de novo? Claro que a quantidade de materiais colaborou para essa qualidade da aula, mas com um dois desses bancos, o professor poderá criar outras situações de estações, que poderão atingir os mesmos objetivos como: trabalho com cones, arcos, cordas.

4.5 AULA (E) AQUECIMENTO ESPECIFICO – CIRCUITO 2 – ESCOLA B

- Dia 06 de Abril de 2010

A turma aqui observada foi a de primeiro ano com idades entre 6 a 7 anos, idade considerada ideal para o inicio da prática de GA.

Esta aula foi a que atuei junto ao professor. Iniciamos com um aquecimento específico de GA, no qual a criança já se familiariza diretamente com exercícios chamados de educativos para posteriormente serem utilizados nos aparelhos ou não. Através desse aquecimento, o aluno já experimenta exercícios de impulsão, força, flexibilidade, coordenação, velocidade, sua qualidade torna-se expressiva na construção das habilidades consideradas fundamentais na infância.

Conforme o relato do professor, muitos desses exercícios ele não lembrava mais, até porque a vivência que um acadêmico tem em relação a esses exercícios na faculdade não preenche esses ensinamentos por completo.

Então me coloquei a disposição em ajudá-lo, pois ainda atuo com aulas de GA com crianças entre 6 a 11anos.

Enquanto ele fez a chamada e explicou a atividade, eu arrumei o circuito. Como o ginásio disponibiliza de bastante espaço, as crianças utilizaram metade da quadra para o aquecimento, e a outra para o circuito. Como já falado muitas vezes, o circuito acaba sendo uma prática benéfica para as aulas de educação física no âmbito escolar, já que as turmas são sempre numerosas, e o professor na maior

parte do tempo, está sempre sozinho.

- Atividade de circuito de aparelhos: rampa, colchões, flocos, mini-trampolim, esteiras.
- Número de participantes: 24 alunos
- Desenho do espaço:

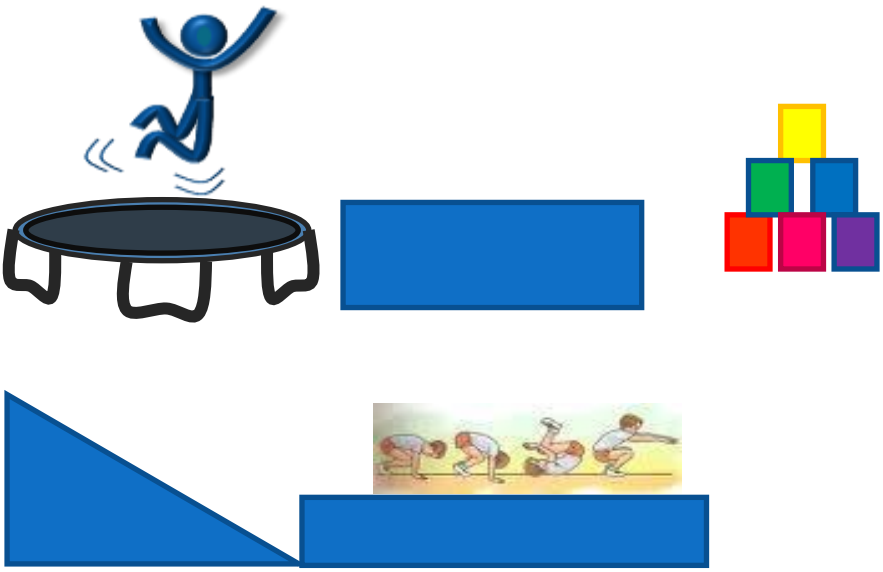


Figura 15 – Circuito de aparelhos

- Pontos relevantes na observação: disciplina, expressividade, regras e atitudes.

☼ Pela figura podemos perceber o quão prazerosa foi essa atividade. Dividimos a turma em três colunas para um melhor controle, a estação em que as crianças ficaram sozinhas não oferecia nenhum risco, que eram caminhadas na esteira na posição de macaquinho. (com as pernas afastadas, caminhar tocando as mãos no solo, de preferência com as pernas estendidas). Nesse exercício já podemos avaliar o grau de flexibilidade da criança. A outra caminhada é na posição de caranguejo, (não pode tocar os glúteos no solo), exercício que exige muita força nos braços, e ao lado da esteira ficavam cinco flocos separados a uma distância de meio metro. Assim que chegavam das caminhadas, voltavam saltando por sobre os flocos com os dois pés unidos.

A segunda estação foi a do salto no mini-trampolim caindo sobre o colchão. Esse foi o momento ouro das crianças, foi difícil de conter o tempo entre cada estação, porque todos queriam participar desta.

A terceira foi a da rampa. Nesse momento, as crianças eram ensinadas a executar o rolamento para frente. A rampa propicia rolar de maneira mais fácil, em função do plano ficar inclinado. O professor tomou bastante cuidado na posição da cabeça, (fundamental para uma boa execução ao rolamento). Quem já sabia fazer corretamente, podia fazer sozinho, e se estivesse muito bom, podia rolar diretamente sobre o colchão.

Este trabalho ofereceu às crianças um ambiente inteiramente descontraído, pois “qualquer tensão ou apreensão criam bloqueios, perturbando o bom desenvolvimento. A atividade lúdica global prévia é essencial para a liberação espontânea da motricidade”. (BOULCH, 1982, p.186). O professor aqui é o autor fundamental no engenho de um clima afetivo, favorecendo o positivo.

A disciplina foi o ponto alto da aula, todos respeitaram o tempo de troca, que foi o de 5 minutos para cada estação, permitindo que todos pudessem aproveitar da melhor maneira possível, cada uma delas. As atitudes dessas crianças de acordo com a proposta dos movimentos oferecidos ficaram evidenciadas através dos gestos manifestados.

As aulas de educação física servem segundo Valentini & Toigo (2004/2005, pág. 98-99):

> Como um importante pressuposto, através de uma prática apropriada é que se tem a consideração de seus conhecimentos prévios, por meio de situações que solicitem à criança a resolução de problemas no plano motor, na reorganização da ação em níveis mais sofisticados, nas questões que envolvem a utilização do espaço e do tempo na ação motora e na elaboração de regras.

A expressão de alegria, satisfação e conquistas foi sem dúvida o item chave dessa proposta; pois não há nada mais gratificante para um educador, ao ver seus alunos motivados, e que a partir desses ensinamentos e contribuições, teremos crianças capacitadas a desenvolver quaisquer atividades desportivas que virão no decorrer de seus anos escolares.

Como seres humanos e educadores na sua essência, precisamos apreciar e respeitar as fases de desenvolvimento da criança, respeitando suas fases de maturação tanto mentais, como físicas; seus desenhos de pensamentos, a aceitação do eu e do seu semelhante.

O equilíbrio social do ser humano só acontecerá através do respeito as

diferenciações, sejam elas, sociais, morais ou afetivas.

A educação precisa rever seus conceitos. As instituições escolares no seu real modelo tradicional precisam olhar o aluno no seu todo. Os métodos e as avaliações não podem se limitar apenas em provas ou testes. Pois na visão de Martin:

> Se o ensino consiste em simplesmente em dar aulas, em fazê-las repetir por meio de ‘exposições’ ou de ‘provas’, e aplicá-las em alguns exercícios práticos sempre impostos, os resultados obtidos pelo aluno não tem significação que no caso de um exame escolar qualquer, deixando-se de lado o fator sorte.
> Unicamente na medida em que os métodos de ensino sejam ‘ativos’ – isto é, confiram uma participação cada vez maior as iniciativas e aos esforços espontâneos do aluno – os resultados obtidos serão significativos. Nesse último caso, trata-se de um método bastante seguro, que consiste, se assim pode se dizer, em uma espécie de exame psicológico continuo, em oposição àquela espécie de amostragem momentânea que, apesar de tudo, constitui os testes. (MARTIN, apud Piaget, 1988, p. 47).

Através das representações curriculares, faz-se necessário que as instituições escolares, orientadores, professores, educadores; dentro seus ensinamentos, comportamentos, regulamentos, parem por um momento essas ações e façam uma desconstrução de toda sua trajetória educativa; buscando um ensinar que aproxime e unifique as disciplinas à área da educação física, dentro de um universo no qual o foco principal seja o aluno na sua totalidade, na construção do conhecimento, valores e atitudes, no desenvolvimento de um “ser” humano com possibilidades de aprendizagens e liberdade de expressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> *“As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Aprendemos palavras para melhorar os olhos”.*
> *"Há muitas pessoas de visão perfeita que nada vêem. O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido”!*
>
> (Rubens Alves).

Um dos objetivos deste estudo foi o de desmistificar a conceitualização da modalidade de ginástica artística, o qual carrega durante ao longo desses anos, julgamentos rígidos, como o de esporte somente de alto rendimento, esporte que requer aparelhos importados de valores elevados, ou também sob uma fala sem pedagogia alguma, tal qual, impede o crescimento, é perigosa pelos seus movimentos acrobáticos e etc.

Para quebrar esse paradigma, foi preciso mergulhar nas literaturas, nas quais através de autores nas suas magnitudes e com um suporte teórico baseado em programas de atividade física e desportos, sugerir propostas inovadoras nas áreas curriculares; contribuindo assim, de maneira significativa com conteúdos que contemplem o mundo da motricidade.

Nessa linha de pensamento, seguindo as palavras de Neto (2001, p. 9):

> A sedentarização e privação progressiva de experiências de movimento e aventura lúdica por parte das crianças, devidas à economia de espaço físico e amopadronização de estilos conceptuais exigidos pelo **stress** e pragmatismo das condições da vida social, determinam a necessidade de atenção especial sobre o estado das condições biológicas do corpo e uma reposição do valor da **Educação** através da **Motricidade** como prática enquadrada na formação geral da população escolar.

A afinidade da criança com a ginástica artística e o currículo foi aqui assinalada como fundamental atributo na figura do ambiente escolar frente às aulas de educação física. Uma das principais preocupações foi o de resgatar a importância da educação física na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, sinalizar pontos relevantes como desenvolvimento das habilidades motoras, na construção de valores e atitudes, equilíbrio e propostas pedagógicas direcionadas ao desenvolvimento bio-psico-social da criança.

Podemos buscar subsídios nos PCN’s, nos quais, nessa mesma linha de construção e elaboração dos conteúdos manifestados através de ações

pedagógicas, defendem que:

> O projeto educacional expresso nos Parâmetros Curriculares Nacionais demanda uma reflexão sobre a seleção de conteúdos, como também exige uma ressignificação, em que a noção de conteúdo escolar se amplia para alem de fatos e conceitos, passando a incluir procedimentos, valores, normas e atitudes. Ao tomar como objeto de aprendizagem escolar conteúdos de diferentes naturezas, reafirma-se a responsabilidade da escola como formação ampla do aluno e a necessidade de intervenções conscientes e planejadas nessa direção (PCN's. 1997, p. 51).

Nessa perspectiva, observa-se que a maioria das escolas possui um grande afastamento entre as disciplinas, penalizando com isso a educação física, que na maioria das vezes perde seu espaço servindo na maior parte para chamadas de atenção pela parte pedagógica da escola.

Baseada nessa premissa, seguida de conteúdos bibliográficos, análises, entrevistas, atividades práticas e diálogo com professores e alunos nas escolas selecionadas; procurei através das aulas de ginástica artística, buscar elementos que comprovassem a importância dessa modalidade a sua inclusão ao currículo escolar.

Lembrando sim, as palavras de Corazza (2001), citadas no inicio desse trabalho, que o "currículo é uma linguagem", no qual atribui-se de falas, sons, imagens, seguido de suas representações como tendo vida, onde a prática social encontra-se inserida, e na seqüência esse "pensar/fazer currículo é antes de tudo, uma atividade extremamente envolvida no que se refere a produção de saberes", "a promoção do crescimento dos seres humanos". (NOGUEIRA & CORREIA 2002; COLL, 1999).

Ora! Se um currículo emite sons e fala, como que na função de educadores podemos ignorar os sentimentos e percepções de nossos alunos? Como o professor através de atitudes e atos pode ter o poder de escolher um modelo de aula restrito ou repetitivo?

Precisamos movimentar a educação de maneira que o professor enxergue suas falhas, seu comodismo, suas rotinas e acabar com o fazer por fazer, que segundo a fala de Porto (1994, p. 176), "joga-se pelo jogar, brinca-se pelo brincar; desprezando os valores intrínsecos e extrínsecos que ambos possuem no seu modo educativo".

Sabe-se que grande parte das escolas não dispõe de inúmeros materiais para

esse desenvolvimento das habilidades motoras no qual a criança necessita e que também o número de alunos por turma para somente um professor prejudica esse trabalho. Por isso, a constante preocupação desse estudo em mostrar ao leitor, desde a confecção dos materiais considerados fundamentais para o desenvolvimento das habilidades; como também através de forma ilustrativa, aulas em formas de circuito com a finalidade de facilitar para o professor na organização de suas aulas, como para o controle de seus alunos e como ponto principal, para uma aprendizagem significativa e ao mesmo tempo lúdica para a criança. Cabe também salientar que dentro dessa figura de professor/educador, devemos enfatizar aos nossos alunos a importância dos limites, ensinando o real sentido do dar e receber para com seu meio, respeitando seus colegas, professores, diretores, o espaço em que convive.

E, dentro desse contexto, o professor também encontrar tempo de olhar para si próprio, reconhecendo seus erros e limitações; afinal somos todos seres humanos passivos de fragilidades, para então poder estar completo o função de *Educador.*

É claro que este estudo não para por aqui, pois ao existirem tão poucas escolas que ousaram da *inclusão* da ginástica artística no âmbito escolar, considerado fundamental nos anos iniciais; e para que exista uma compreensão e uma atenção maior a nível cultural como em nível da própria educação física; as estruturas acadêmicas precisam de profissionais habilitados ao ensino dessas praticas nas escolas. Ou seja, na formação desses professores; o conteúdo; tanto pratico, quanto teórico, precisa contemplar todos os quesitos, nos quais eles possam no término do curso, sentirem capacitados para esse desafio. As oficinas e os mini-curso são ferramentas essenciais para essa proposta educativa.

Esse intenso desejo de chamar a atenção das escolas em relação à desarmonia quanto a desequilíbrios em determinadas ações motoras das crianças nos anos iniciais, nos quais muitos perduram até a fase adulta, deu-se através de experiências dos acadêmicos de educação física, quando na disciplina de ginástica artística colocaram situações do tipo:

> Minha educação física foi somente vôlei e futebol, outros relataram que quando não queriam fazer, o professor mandava ficar sentado ou alguns mandavam ficar caminhando. Nunca quis aprender a fazer rolamentos porque tinha medo de quebrar o pescoço. Nas minhas aulas de educação física, nunca tive nada parecido com ginástica artística.

Como podemos perceber; isso já vem de muitos anos, e continuamos vivenciando situações de desequilíbrios motores cada vez mais acentuados. Para que ocorra uma transformação no sistema educacional, é preciso que os cursos de licenciatura estejam capacitados tanto de literaturas que instruam os alunos ao conhecimento teórico, como nas práticas oferecidas, no qual o aluno apesar de pouca experiência possa vivenciar, experimentar, e o mais importante; por meio de aprendizagens educativas, apreenda a repassar com segurança esses ensinamentos para seu aprendiz.

O grande desafio nos cursos de licenciatura está em capacitar esse profissional, pois a educação em nossa contemporaneidade encontra-se doente e adormecida frente a um País recheado de políticos pouco incentivadores, e de uma comercialização desumana e egocêntrica. Enquanto nós educadores permitirmos que as instituições de ensino nos tratem como máquinas, e aos alunos como clientes, maior será essa distância no aspecto das aprendizagens educativas.

Quando escolho a ginástica artística, como uma das propostas de inclusão nas aulas de educação física no ambiente escolar; não estou querendo com isso; pensar que, através dela está a fórmula para todos os problemas, seria uma utopia de minha parte.

Apesar de todos nossos processos biológicos, fisiológicos, afetivos e cognitivos acontecerem durante a infância, no qual grande parte se origina das próprias famílias, a escola também tem responsabilidades nessa passagem onde suas propostas de ensino aprendizagem devem preencher e ressaltar esses espaços no qual o aluno tem direito. O que procurei trazer espelhando-me na modalidade de ginástica artística, foi que através das diversas atividades em que nela aparecem poder com isso provocar uma aproximação da prática relacionada com a realidade das situações ocorridas em nosso cotidiano.

A criança de hoje encontra-se em um estado de carência considerado assustador, e diversos fatores estão contribuindo para isso; Pais fora de casa em função de trabalho, separações, doenças químicas, nossos meios de comunicação, como: televisão, computadores, jogos eletrônicos, enfim, é todo um sistema voltado para um modelo tecnicista, esquecendo o “ser” humano na sua essência.

Nos momentos de realização dessas propostas oferecidas pela ginástica artística, a criança se aproximará de momentos parecidos aos que possivelmente enfrentará ao longo de sua vida, entre eles: dores, quedas, medos, inseguranças,

espera por filas, passagens por obstáculos, atenção e concentração, desafios constantes e trocas de emoções.

A mensagem e o sentido da realização desse trabalho é que o mesmo foi construído em cima de uma vida no qual me reporto desde minha infância; trazendo um entusiasmo incondicional por esportes, no qual mesmo trazendo uma doença respiratória que muito me limitou na realização das tarefas, só colaborou para que eu insistisse cada vez mais nessa prática, a ponto de tornar-me uma educadora extremamente apaixonada pela área da educação física.

E também por uma situação muito triste que causou um grande trauma durante toda minha infância e adolescência, e que já na fase adulta por meio de sujeitos considerados discípulos da educação, estou conseguindo superar. Ainda na fase principal de uma criança; a alfabetização (primeira série) foi o ano em que apresentei muitas doenças, como; caxumba, sarampo e mais a minha asma, foi quase todo o ano perdido.

Mas lembro como se fosse hoje, ao final dos meses do ano, a professora colocara sílabas separadas e pediu para lermos em voz alta, e eu não consegui e com muito medo comecei a chorar, a reação da professora nesse momento foi de ira e incompreensão. Naquele dia fui arrasada para casa. Logo precisei fazer uma leitura para a Irmã diretora para poder passar de ano, e aí foi ainda mais deprimente, pois ela usou de rigidez e tons altos de sua voz. Em momento algum, elas perceberam minhas dificuldades e medos, ninguém me ouvia; então, através dessas lembranças, percebi que a educação de nosso País carece de profissionais qualificados; mas principalmente, que tenham vocação pela profissão escolhida; que saibam dar e transferir seus saberes, que aceitem dar e trocar suas experiências, que permitam escutar e ouvir seu semelhante, que fechem os olhos em alguns momentos deixando essas crianças sonharem com seus jardins. “Que durante toda nossa estrada como educadores, possam-mos partilhar nossos conhecimentos através do afeto e do amor. Ambos nos levarão a semear as sementes do sucesso e alcançar o lugar mais alto da montanha” (autora do trabalho). Assim seja. Obrigada!

REFERÊNCIAS

ARCA DE NOÉ. **Piaget**. Disponível em: <http://www.escolabilinguearcadenoe.com.br/artigos.html>. Acesso em: 07 jun. 2010.

AYOUB, Eliana. **Ginástica geral e educação física escolar**. São Paulo: Editora Unicamp, 2003.

_____. **Brincando com o ritmo na Educação Física.** Presença Pedagógica, Belo Horizonte, Minas Gerais: Dimensão, v. 6, n. 34, p. 50-57, jul./ago. 2000.

ALVES, Rubens. **Presentes**: frases, idéias, sensações. Campinas: Papirus, 2004.

BARBOSA, Parra Ieda. **A Ginástica nos cursos de Licenciatura em educação Física do estado do Paraná**. Dissertação de Mestrado. Campinas. 1999.

BETTI, Mauro. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

_____.; Luiz Roberto. **Educação Física escolar**: uma proposta de diretrizes pedagógicas. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – Ano 1, Número 1, 2002.

BETTI, I. C. R. **O prazer nas aulas de Educação Física Escolar**: a perspectiva discente. 1992. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, Campinas, 1992.

BOULCH, Le: **O desenvolvimento Psicomotor.** Porto Alegre-RS: Artes Médicas, 1982.

BOURDIEU, P. **Razões práticas:** Sobre a Teoria da Ação. 1996. Campinas, Papirus

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A participação da pesquisa no trabalho popular**. In: Repensando a pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____.**Aprender o Amor**: sobre um afeto que se aprende a viver. Campinas, SP: Papirus, 2005.

_____. **Pesquisa Participante**. 4ªed. São Paulo: Editora: Brasiliense, 1984.

_____. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Secretaria de Ensino Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física. Brasília, 1997.

BRASIL, Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www. planalto.gov.br /ccivil_03/LEIS/l9394.htm>. Acesso em: 15 dez. 2009.

BONETTI, Albertina. **Ginástica**: em busca de sua identificação no âmbito escolar. Florianópolis, SC: 1999. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Federal de Santa Catarina.

BORRMANN, Günter. **Ginástica de aparelhos**. Lisboa: editorial estampa. Portugal/Brochura, 1980.

CARTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Referências para uma Educação Física de qualidade no Brasil**. Confef, 2001.

CARRASCO, R. **Tentativa de sistematização da aprendizagem**: Ginástica Olímpica. São Paulo: Manole, 1982.

CHEVEL. **A história das disciplinas escolares**: Reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria e educação. Porto Alegre, Panonica, n-2, 1990.

CBG, Confederação Brasileira de Ginastica, Federações: relação das entidades filiadas. Disponível em: <http://www.cbginástica.com.br>. Acesso em: 15 dez. 2009.

COLETIVOS DE AUTORES. **Metodologias do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COLL, César. **Psicologia e Currículo**. São Paulo: Ática, 1997.

_____. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. São Paulo: artmed, 1994.

_____. **Psicologia da educação**. São Paulo: artmed, 1999.

COLOMBO, Sonia S. **Gestão Educacional**: uma nova visão. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2004.

COMENIUS, Jan Amos. **Didática Magna**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1996.

CORAZZA, Sandra. **Que quer um currículo?** Pesquisas prós-críticas em Educação. Ed. Vozes: Petrópolis/RJ, 2001.

DARIDO, Suraya Cristina. **Apresentação e análise das principais abordagens da educação física escolar**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte**,** Florianópolis, v.20, n.1, p.58-66, set. 1998.

ESTEBAN, Maria Tereza. **Escola, Currículo e Avaliação**. São Paulo: Cortez, 2003.

FALKEMBACH, Atos Prinz: **A relação professor/criança em atividades lúdicas:** A formação pessoal dos professores. Porto Alegre-RS. Est, 1999.

FIGUEIREDO, Paulo Henrique. **Pesquisa ação**. Disponível em: <http://www. webartigos.com /articles/21496/1/Pesquisa-Acao/pagina1.html>. Acesso em: 15 jul. 2010.

FRANCO, MARIA. Amélia Santoro. **Pedagogia da Pesquisa – Ação.** Revista. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ep/v31n3/a11v31n3.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2010.

FREIRE, E. S. **Educação Física e conhecimento escolar nos anos iniciais do ensino fundamental**. 1999. 99f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessário à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, João Batista, SCAGLIA, Alcides José. **Educação como prática corporal.** São Paulo: Scipione, 2003.

FRIEDRICH. L JAHN, **200 natalicio**. La RDA y El Deporte, n. 1, 1979.
GAIO, Roberta; BATISTA, José C. de F. **A Ginástica em Questão.** Corpo e Movimento. Ribeirão Preto/SP: Tecmedd, 2006.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J.C. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte, 2001.

GOODSON, Ivo F. **Currículo Teoria e História**. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 1995.

GYMNASTIQUE. ***Internationale Fédération***. Programa de desarrolo para grupos de edades. FIG, 1986.

JEWETT; BAIN; ENNIS, CD. ***The curriculum process in physical education***. Madison: Bronw&Benchmark publishers, 1995.

KAREN, Susana. **A Ginástica vivenciada na escola e analisada na perspectiva da criança.** Dissertação de Mestrado. Campinas: Paraná, 2004.

KUNZ, E. **O esporte enquanto fator determinante da Educação Física**. Contexto & Educação, v.15, p.63-73, 1989.

KUNS, E. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte.** Ijuí: UNIJUI, 1994.

LDB. **Lei de Diretrizes e Base da Educação**. Lei 9.394 de 20-12-96: Coleção ADCOAS. Editora Esplanada LTDA. Rio de Janeiro. 1998.

LIMA, Maria Alice. ALMEIDA, Maria Cecilia. LIMA, Cristiana. **A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa em enfermagem.** R. gaucha enfermagem ,Porto Alegre, v. 20, n,esp, pag.130 a 142. 1999. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/viewFile/4288/2250>. Acesso em 16 mai. 2009.

LOPES, Alice; MACEDO, Elizabeth. **Currículo**: debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2002.

MANOEL, E. J. **Desenvolvimento Motor**: Implicações para a Educação Física Escolar I. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, 8 (1): 82-97, jan./jun. 1994.

MARCONI, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas S.A, 2009.

MARTIN, Daniele Fortes. **A Aprendizagem em Paulo Freire e Piaget.** Trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências UNESP. Bauru, SP, 2007.

MELUCCI, Alberto. **O Jogo do Eu**: São Leopoldo: Unisinos, 2004.

MEURET, J. L. La gymnastique ET l'olympisme. In: **Comite Internacional Olympique**. Lausanne, CIO, p. 1-44, 1985.

MOLINA, Neto Vicente. **A Cultura do Professor de Educação Física das Escolas Públicas de Porto Alegre**. Revista Movimento, Porto Alegre, Ano IV, nº 7, Temas Polêmicos, 1997.

MORO E, Alberto. Memórias de um Ginasta: **História y Desarrolo de la Gimnasia em la Argentina y Anecdotario**. Argentina: Editota: Grafica del Sul. Córdoba, 2008.

NETO, Carlos. A. F: **Motricidade e jogo na infância.** RJ: Sprint LTDA, 2001.

NISTA-PICCOLO, V.L. **Educação Física Escolar**: ser ou não ter. 2ªed. São Paulo - Campinas: UNICAMP, 1993.

_____. **Atividades Físicas como Proposta Educacional para 1ª Fase do 1º. Grau**. Dissertação de Mestrado em Educação Física, UNICAMP, Campinas [s.n.], 1988.

_____. **Pedagogia dos Esportes**. Campinas: Papirus. 1998.

NOGUEIRA, Sandra Vidal e CORREIA, Wilson Francisco. **Reflexões curriculares sobre os desafios curriculares emergentes**. Nogueira, Sandra Vidal et alli. Educação escolar: políticas, saberes e práticas pedagógicas. Uberlândia: EDUFU, 2002.

NUNOMURA, Myriam. PICCOLO, Vilma. **Compreendendo a Ginástica Artística**: São Paulo: Editora Phorte, 2005.

_____. **Abordagem Educacional para a ginástica olímpica**: avaliação de sua aplicabilidade num ambiente escolar. Revista Paulista de Educação Física, 2003.

OLIVEIRA, A. A. B. **Analisando a prática pedagógica da Educação Física**. Revista da Associação dos Professores de Educação Física de Londrina, Londrina, PR, V. 7, n.13. Pág. 12. 1992.

OLIVER, E. Celso: **Puericultura- Preparando o futuro para o seu filho.** SP: Socep, 1998.

OLIVER, G. F. **Um olhar sobre o esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade.** Tese de mestrado apresentada a Faculdade de Educação Física da universidade Estadual de Campinas. 1995.

PACHECO, José Augusto. **Currículo:** teoria e *práxis*. Portugal: Porto Editora, 1996.

PALMA, M.S. **O desenvolvimento de habilidades motoras e o engajamento de crianças pré-escolares em diferentes contextos de jogo.** Universidade do Minho. Portugal. Tese de Doutorado, 2008.

PALMA, PALMA, A. P. V., PALMA, J. A. V., GARCIA, D. **A Educação Física na escola como contribuição ao processo de construção das condutas motoras**. In: Anais do XIV Encontro de Professores do PROEPRE – Piaget e Educação. Águas de Lindóia – Campinas: UNICAMP-FE-LPG, 1997.

PALMA, A. P. T. *et al.*(coordenadores**). Educação física e a organização curricular: educação infantil e ensino fundamental**. Londrina: EDUEL, 2008.

PAOLIELLO, E. A ginástica geral e a formação universitária. In **Fórum Internacional De Ginastica Geral**, 1, Campinas 2001.

PAULILO, M. A. S.: **A pesquisa qualitativa e a história de vida.** Serviço Social pela PUC-SP. 2007. Disponível em: http://www.ssrevista.uel.br/c_v2n1_pesquisa.htmSão Paulo: Senac, 1980.

PIAGET, Jean. **Por que Piaget?** A educação pela inteligência.

_____. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
POLITO, B. S. **A ginástica artística na escola: realidade ou possibilidade?** Monografia de graduação. faculdade de educação física , Unicamp, campinas 1998.

PCNS: Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.

PORTO, Eline Tereza Rozante. **A Comunicação Corporal na Pré-Escola:** Caminhos e Descaminhos. Dissertação de Mestrado na Universidade Estadual de campinas, SP, 1994.

PUBLIO, Nestor Soares. **Evolução Histórica da Ginástica Olímpica**. Editora Phorte, São Paulo, 1998.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica**. São Paulo: Loyola, 2002.

RODRIGUES, Judite F. **Corporeidade e Aprendizagem:** Uma relação política-pedagógica. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/14042/1/CORPOREIDADE-E-APRENDIZAGEM /pagina1.html> Acesso em: 29 dez. 2009.

SANT'ANNA, Alan Schlup. **Disciplina**: O caminho da vitória. Curitiba: Circuito, 2007.

SOUZA, M. Junior. **O saber e o fazer pedagógico da educação física na cultura escolar**: o que é um componente curricular. In: CAPARRÓZ, F. E. (Org.). Educação Física Escolar: investigação e intervenção. Vitória, ES: Proteoria, v. 1, 2001.

SUARÉZ, Daniel. O princípio educativo da nova direita: neoliberalismo, ética e escola pública. In: GENTILI, Pablo (org.). **Pedagogia da exclusão**. Petrópolis, Vozes, 95, p.253-270, 1995.

SCHIAVON; PICCOLO, **Movimento.** Revista da escola de Educação Física. V.13. Editora UFRGS. POA/RS, 2007.

TANI, G.; Manoel, E. J.; KOKUBUM, E.; PROENÇA, J.E **Educação Física escolar**: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: 1988.

TEIXEIRA, Hudson Ventura. **Educação física e desportos**: técnicas, táticas, regras e penalidades – introdução à educação física. São Paulo: Saraiva, 1995.

TOSETI, Solange. **A Educação Física**. Erechim, RS: Edelbra, 1980.

TRIVINOS, Augusto N. S. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sócias**: A Pesquisa Qualitativa em Educação, Primeira Edição, São Paulo. Atlas, 2008.

VALENTINI, Nadia. TOIGO, Adriana. **Ensinando educação Física nas séries iniciais**: Desafios & Estratégias. Editora: Salles. Canoas/RS, 2004/2005.

VOLPATO, Gildo. **Jogo, brincadeira e brinquedo**: Usos e significados no contexto escolar e familiar. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

YOUNG, M. & WHITTY, G.**Society, state and achooling**. Lewes: Falmer Press. 1977.

WEINECK, J. **Biologia do Esporte**. Barueri, SP: Manole, 2005.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: Ginástica Artística; equilíbrio corporal no desenvolvimento das habilidades motora na Educação Infantil e anos iniciais do ensino fundamental.
Pesquisador Responsável: Leda Sallete Ferri Nascimento

Este projeto tem o objetivo de analisar e interpretar as contribuições da Ginástica Artística para as crianças, a partir de experiências curriculares na área da Educação Física, dos segmentos da Educação infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental na rede privada da cidade de Porto Alegre.

Para tanto será necessário realizar os seguintes procedimentos:

1 – No primeiro momento o pesquisador irá realizar entrevistas com a área pedagógica e com os professores responsáveis pelas turmas escolhidas para realização do estudo. Serão apresentadas perguntas abertas, onde o entrevistado possa ter uma maior liberdade apontando aspectos que venham a ser relevantes em se tratando da temática oferecida.
2 – No segundo momento o pesquisador através de filmagens e observações assume com relevância o trabalho de campo, utilizando-se de dados descritivos derivados de registros e anotações pessoais. Para o estudo foi selecionada uma turma da Educação Infantil e três turmas do Ensino Fundamental.

Declaro estar ciente do exposto e desejar participar da pesquisa/ou desejar que _____, participe da pesquisa.

Porto Alegre, _____de_____ de 2010.
Nome: _____.
Assinatura: _____.

Eu, Leda Sallete Ferri Nascimento, declaro que forneci todas as informações referentes a pesquisa ao participante.
Telefone: (51) 3315-9031 – (51) 9124-7750. E-mail: ledasallete@yahoo.com.br

APÊNDICE B - PERGUNTAS GERADORAS PARA A ÁREA PEDAGÓGICA DA ESCOLA A E B

1 – como surgiu a idéia da inclusão no currículo escolar? E em que ano isso aconteceu?

2 – No seu ponto de vista, como a Ginástica Artística pode contribuir pedagogicamente nas aulas de educação Física?

3 – Houve alguma dúvida ou receio dessas atividades por parte dos pais?

4 – Na sua avaliação, houve diferença entre esse trabalho de Ginástica Artística comparado a outros anos sem essa prática?

Perguntas geradoras para os professores de Educação Física:

1 - De quem surgiu a idéia da inclusão da Ginástica Artística no currículo escolar?

2 – Quais os pontos positivos dessa inclusão?

3 – Quais os pontos negativos?

4 – Quando iniciada a Ginástica Artística nas aulas de educação Física, como foi a aceitação e o comportamento dos pais?